



Matilde dos Santos Dias

Versos e Reversos



 peripécia



Matilde dos Santos Dias

Versos e Reversos



SÃO PAULO • 2021 •  peripécia

Direção editorial Patricia Bieging
Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas Marcelo Eyng
Editora executiva Patricia Bieging
Assistente editorial Landressa Schiefelbein
Diretor de criação Raul Inácio Busarello
Assistente de arte Ligia Andrade Machado
Editoração eletrônica Peter Valmorbida
Imagens da capa Freepik - Freepik.com
Revisão Clóvis Dias de Souza
Gisely Hime
Patricia Bieging
Autora Matilde dos Santos Dias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D542v Dias, Matilde dos Santos -
Versos e reversos. Matilde dos Santos Dias. São Paulo:
Peripécia, 2021. 162p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5939-078-6 (brochura)

978-65-5939-077-9 (eBook)

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. 3. Cotidiano.
I. Dias, Matilde dos Santos. II. Título.

CDU: 82-1

CDD: 871

PERIPÉCIA

Pimenta Cultural

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com


peripécia

2 0 2 1

Sumário

Agregada	7
As circunstâncias.....	10
Aranha	13
Amor.....	15
Audaciosa	16
Avarento	17
Bem pensado.....	18
Baile no sertão.....	19
Bisbilhotar.....	21
Bom demais	23
Bendita paciência.....	25
Balbuciando	27
Cartão de visita	29
Caboclo capaz.....	30
Carro de boi	31
Cobra perseguidora	32
Conceitos	33
Competência	35
Cozinheira	37
Comprovado	38
Cada quadrado	40
Cristo não dorme	41
Dê a resposta	42

Desvencilhou a rodilha	44
Dedicação.....	46
Disciplina	48
Determinado hábito	50
Está aqui.....	52
Então verá	53
Era uma vez.....	54
Engole seco	55
Erga a cabeça	57
Em família	58
Eu e vovó	60
É a sobrevivência.....	62
Esta vida	64
Entendendo.....	65
Filho.....	66
Força feminina	67
Fica como exemplo	68
Folhas inertes	70
Girando ideia	72
Galantear	74
Higiene mental.....	76
Honra de pescador.....	77
Imponente	78
Inversão	82
Instrução.....	83
Insolente marinheiro.....	84

Imagem madrinha.....	85
Jeito e cara de santo	86
Ká pra nós	87
Lufalufa	89
Lindos galhos.....	91
Ler com atenção.....	92
Livre-se do seu abraço	93
Mania de brasileiro	94
Megera	95
Matusalém.....	96
Morador do sertão	97
Música	99
Muquirana.....	100
Nada devo mas sou escravo.....	101
Não falta	102
Não se dê por vencido	103
No roçado	105
Nossa constituição.....	107
Nunca mais	108
Nem negue	109
Nosso destino.....	110
O mundo é uma bola.....	111
O teatro da vida.....	112
Por acaso	113
Pra relaxar	114
Para pensar	115

Problema em penca.....	117
Pondo no mundo	119
Pé quente.....	121
Poderosa missão	122
Qual o teu destino?	123
Que título darei	125
Quando pego a caneta	126
Resgate.....	127
Regimento militar.....	129
Remanejando a história.....	131
Sempre bom	132
Ser jovem.....	133
Sobrevivência	134
Tino aguçado	135
Tradicional festa.....	137
Trio diferenciado	138
Uma força estupenda.....	139
Velho pião.....	141
Vá mudando cidadão	142
Viver o sonho.....	144
Vamos falar	145
Xaxaxá	147
Zanzando.....	149
Zelar.....	151
Cordel – verdade verdadeira	152
A Covid-19	160
Sobre a autora	161
Gratidão!.....	162

Agregada

Titia mora lá em casa
Ela é uma agregada
É irmã de minha mãe
Do meu pai é cunhada
Faz-se de dona da casa
Manda, não é mandada

Faz só o que bem quer
Come do bom e do melhor
Levanta-se tarde e dorme cedo
Isto a gente sabe de cor
Toma umas e outras
Está sempre numa pior.

Muitas noites não deixando
Quase ninguém dormir
Cantarolando pela casa,
Implorando vem pedir:
- Por favor, me dê um trago!
Mamada, pronta a cair

Nós nos alvoroçamos.
Damos em cima dela
Aí se tranca em seu quarto:
-Respeite-me, sou donzela!
Ficamos todos aturdidos
Com uma situação daquela

No outro dia começa
Todo o bafafá de novo
Desculpa-se com todos.
Diz amar seu povo:
Quando eu deixar de beber,
A paz a vocês eu devolvo!

Tropeça por todo canto,
Sem forças para caminhar
Quando bebe, não come.
Pinga não pode sustentar.
Capricho não consegue.
Cachaça faz delirar.

Começa mal o dia,
Só pensando em beber.
Diz ter sua boca amarga.
Não bebe por querer,
- É somente pra remédio!
E nós temos que entender.

Procura água ardente,
Branca ou amarelinha.
Quando não tem em casa,
Vai buscar na vizinha.
Acabando o estoque,
Dirige-se para a vendinha.

As circunstâncias

Tito saiu de casa,
Montado em seu alazão.
Viajou muito tempo.
Deu entrada no sertão.
Infiltrou-se na mata,
Avistando um gavião.

A ave, em um pé só,
Pra cima se empinava.
Escancarando o bico,
Pio bem alto soltava.
Fortemente batia as asas,
No mesmo lugar, pousava.

Bem mais perto chegou,
Para ver o que acontecia.
Se ela estava assustada
Ou se contra ele investia.
O tempo foi passando,
Já terminando o dia.

Só depois compreendeu
O que acontecera.
O gavião afogou-se
Com algo que comera.
Saltitando pra cima,
Caiu, enquanto morrera.

Tito entristecido,
Nada pode fazer
Pela ave de rapina.
Dela só pensou em correr.
É um pássaro predador,
Ataca para sobreviver.

Ainda conversamos
Sobre a humanidade
Que tem os seus recursos.
Uma pura verdade!
Um socorre o outro
Na sua necessidade.

Com animais difere:
Não há como pedir ajuda,
Nem têm meios para isso.
Não há quem os acuda.
Nós temos até benzedeira,
Passando ramo de arruda.

Veja como Deus foi bom
Com os seres humanos,
Dando inteligência.
Abre e fecha canos.
E ainda há gente herege,
Com sentidos profanos.

Aranha

A aranha faz sua teia
Passa por ela, não se maneia
É deveras habilidosa
Com a sua capacidade
No sítio ou na cidade
Também é laboriosa

Inseto cai na malha
O dente dela parece navalha
Destrói-o num segundo.
Adquire seu alimento.
Vive arredia ao vento.
Compõe as coisas deste mundo.

Grande prole cria de uma vez.
Mais ou menos em um mês.
Uma grande quantidade!
Alimenta-os a todos, sozinha.
Sem ajuda, a coitadinha.
É uma barbaridade!

Dá lição de trabalho.
Passa da árvore para o galho.
Girando sem parar.
Uma variedade existe.
Nenhuma delas desiste.
De seus filhos sustentar.

É na pegajosa teia
Que a presa se maneia
Sem mais poder escapar.
Corre em sua direção
E garante a refeição
Para a família alimentar.

Deixa a malha perfeita.
Fio por fio ajeita.
A teia sabe urdir.
Para remendo sempre tem.
Sabemos de onde vem
Tem como produzir.

Para nova presa arrebatada
Sabe como caçar.
A vida é um jogo.
Com astúcia, sempre faz
Tudo o que é capaz
Como quem prende fogo.

Amor

Acoplado nas cabeças, que exista só amor
Sempre desabrochando, como delicada flor
Eternizado na alegria, sem haver dissabor
Afastar, se quer saber, toda sentida dor.

O amor se manifesta de várias maneiras
No beijo e no carinho, de certas formas brejeiras
Casmurras ou sorridentes, até com brincadeiras
Trazendo felicidade, pode ser com besteiras.

Amor não deve ser como papel de embrulho
Que se amassa, jogando fora, servindo de entulho
Caindo em esgoto, fica fazendo gorgulho
Ame para ser feliz, sem fazer barulho.

Ame o grande e o pequeno, o plebeu, o burguês e o nobre
Solte suas amarras. Que o bom senso dobre!
Liberte-se do mal! Que amor, então, sobre
Nunca terá sossego, quem é vil de alma pobre.

Audaciosa

O morro cobriu-se de nuvens
Que se amontoaram
Umas por cima das outras,
Calmamente se acomodaram

Permaneceram bom tempo,
Cobrindo o vão da serra
Não se via mata alguma,
Nem um pedaço de terra

Calmas, o dia inteiro.
A noite se deslocaram
Para onde foi, ignora-se.
Pois lá, não ficaram.

Ao amanhecer o dia
O espaço estava limpo
As nuvens dissiparam-se.
Todo o céu, muito lindo.

A natureza apareceu,
Com matagal exuberante
Uma tamanha beleza,
Audaciosa e intrigante.

Avarento

Um orgulhoso fazendeiro tinha mania de poder.
Julgava-se dono do que seus olhos pudessem ver.

Certo dia, um seu amigo resolveu lhe visitar.
O poderoso sentiu vontade dos arredores lhe mostrar.

Apontava plantação, também a linda pastagem,
Celeiro, estábulo e tudo mais, como se fosse miragem.

Com a mão levantada, o arrogante falava,
Com muita convicção, ser dono do que avistava.

Não cansava de falar. Nisto, o dedão apontou.
Passando, lá em cima, uma ave, o dedo lhe borrou.

O outro não perdeu tempo, perguntou rapidamente:
- Também é teu este pássaro, que te suja traiçoeiramente?

Bem pensado

Criança que não estuda emperra-se numa toca.
Sem realizar seus sonhos, abafa-os igual pipoca.

Criança que não estuda, custa a passar de ano.
Depois, quando adulto, vai entrar pelo cano.

Criança que não estuda, de nada será capaz.
Crescendo, será uma coitada, sem saber da vida o que faz.

Criança que não estuda, priva-se da vida boa.
Sai por aí afora, formando encrenca à toa.

Criança que não estuda, diz que sorte não vem.
Mesmo sendo trabalhadora, dinheiro no bolso não tem.

Um conselho eu dou, a toda e qualquer criança:
Estude e você será, do mundo a esperança!

Baile no sertão

Tem baile no sertão
Para o povo dançar
E também passar o tempo,
Com gente para namorar,
Aos poucos enturmando
Quem gosta de sapatear.

Luz elétrica não tem.
Acende lampião de gás.
O povo fazendo fila,
Uns na frente, outros atrás.
Para animar a noitada,
Bebida que o povo traz.

Lá pelas tantas horas,
Um se faz de pachola.
Apaga a luz da sala
E escondido na cartola.
Querendo saber quem foi,
Um por cima do outro rola.

Muitos ficam preocupados,
Diante da situação.
Alguém mira o revolver.
Atira, acende um clarão.
O fuzuê está formado,
Uma grande confusão!

Muitos vão embora.
O dia está para clarear.
Uns vão sem a família
Por não a conseguir achar.
Quem ficou está contente,
Escondido em qualquer lugar.

Deixe o tempo correr.
Tem balão que vai subir.
Vai nascer filho sem pai.
Pai sem filho vai sair.
Esta bendita novela
Irá sempre se repetir.

Bisbilhotar

A atmosfera contém
Grandes e várias camadas
Que circundam o espaço,
De troposfera são chamadas.

São enormes globos de gases.
Girando, dão voltas.
O efeito estufa aumenta,
Muito mais calor solta.

Com que os gases disparem
É o efeito estufa quem faz.
Acumulando-se sempre,
Grande calor nos traz.

São os seres humanos
Os culpados por este assunto.
Com o correr dos anos,
A vida vira defunto.

Gás carbônico produzido
Com exagero pelo lixo,
Destruindo vidas dos homens,
Das plantas e dos bichos.

Cresce o raio ultravioleta.
Ozônio destruindo.
Perigo para tudo.
A vida vai se sumindo.

Ozônio, um protetor,
Cercando o planeta Terra,
Diminui o efeito estufa,
Sem ter de travar guerra.

Qualquer um de nós
Dará ótima contribuição,
Evitando produzir lixo
E nunca o jogar no chão.

Bom demais

Eu agora vou ensinar você
A fazer pão de ló.
Para cada ovo usado,
Botar uma colher só
De açúcar e de trigo,
Peneirados como pó.

Bata as claras em neve.
Aos poucos deve juntar.
Às gemas reservadas.
Bater sempre, sem parar,
Juntando o açúcar,
Levemente a despejar.

Por fim, vai o trigo
Em colher, levemente.
Continuando a bater
Bem e rapidamente.
Formando uma massa
Leve e consistente.

Despejar em uma forma
Que deve estar untada.
Levar ao forno quente.
Cuidado, não dê pancada.
Depois de bem assado
Esfrie na forma, acomodado.

Sirva depois de frio
O gostoso pão de ló.
Quem não experimentou,
Você vai ficar com dó!
Receita antiga
Do tempo da minha avó.

Bendita paciência

O marido da minha tia eu esconjuro.
Não sai para trabalhar.
Vive sempre em apuro.
Homem daquele tipo,
Garanto que não aturo.

Mas se chega alguém,
Já quer saber quem é,
Doido para se levantar,
Para meter sua colher,
Principalmente quando a visita é mulher.

O folgado sempre fala
Que sente todo o organismo.
Vai botando a culpa
No tal do reumatismo.
Dando-lhe um aperto,
Acaba com o sadismo.

A sogra fica inquieta.
Para a filha tudo faz.
Tenta controlar o rolo
Para viverem em paz.
Mas aquele estrupício
Não desencarna jamais.

A mãe briga com a filha.
A filha com o marido.
Ele também não se cala.
Diz ter se ofendido.
Tamanha é a confusão.
Controlar é tempo perdido.

Todo dia é uma encrenca.
Ninguém tem mais sossego.
Os filhos não mais aguentam.
Só falta pedirem arrego
Na casa de parentes.
Precisam de desapego.

Vamos ver até onde
O babado vai enroscar.
Se a esposa toma atitude
Para a família descansar.
Quem sabe ela se cansa,
A trouxa irá descartar.

Quanto mais se mexe,
Mais fica fedendo.
Como não sei o que dizer,
Esta eu fico devendo.
Se conselho fosse bom,
A gente sairia vendendo.

Balbuciando

Milagre não espero,
Até mesmo tendo fé.
Para todo ser humano,
Deus sempre está de pé,
Atendendo a súplicas
Sem precisar de banzé.

Ânimo sendo importante
Para problema enfrentar.
Uma luta constante
Sem jamais afrouxar.
A corda sendo fraca,
Por certo vai arrebentar.

Todo cuidado sendo pouco,
Quando degraus subir,
Podendo fraquejar,
Sem pensar em escapular,
Dando passo em vão,
Chorará em vez de sorrir.

É bom conversar
Com quem se confia.
Duas cabeças pensam melhor.
Poderá servir de guia
Para se encaminhar,
Como que se queria...

Estas simples frases
Sempre deram certo.
Planeje-se antes
Com o que precisa por perto.
Melhor viver às claras,
Seja um livro aberto.

Cartão de visita

As bolsas da mulherada
Isso já virou mania!
Vejo como um costume
Para todo santo dia.

Você não vê pela rua
Mulher sem seu exemplar.
Estufada ou murcha,
Faz estilo carregar.

Umás belas, muito chiques,
E outras exageradas.
Pode ser minúscula
Ou no ombro pendurada.

Parece que, com sua bolsa,
Desfila com luxo e classe.
Não possuindo a sua,
Empaca em um impasse.

Encerro com carinho,
Essa minha observação.
Faço parte da turma,
Com bolsa nas costas ou na mão.

Caboclo capaz

Qualquer bom caboclo tem seu combustível
Que alimenta seu corpo, sendo irresistível.
Ao sair da cama, vai para o banheiro.
Faz sua higiene pessoal, pronto para o dia inteiro.

Passa pela cozinha, desjejum faz também.
Não se liga em picuinha, pronto pra seu vai e vem.
Corre, anda e trabalha. Tanto brinca, como passeia.
Dá tudo o que tem de si, em nada se maneia.

Destrava sua vida. Corre atrás do que quer.
Jamais poderá lhe faltar uma fogaosa mulher.
É aí que se descobre o fraco do homem forte.
Sem amor não sabe viver, prefere mil vezes a morte.

Não admite fracasso, seu orgulho impera.
Vive de orelhas em pé. É temido como fera.
Muito bem resolvido, por demais astucioso,
Bravo e desconfiado, de um coração bondoso.

Este é o bom caboclo. Dá conta do trabalho.
Vive sem embaraço, nem procura atalho.
Tendo tudo bem às claras, bom caboclo da floresta
Mostra que sabe fazer do trabalho uma festa.

Carro de boi

Encontrei desmantelado
Um velho carro de boi,
Num ermo qualquer,
Pelo tempo que se foi.

Um veículo em ruínas,
Com marcas do passado,
Dos bons tempos antigos,
De gemer ficou cansado.

Ginete e carro de boi
Sumiram do sertão.
O matuto está na cidade.
Tornou-se fino cidadão.

A tecnologia avançou.
O homem ficou veloz.
Saboreia a velocidade do carro.
Se não morre, mata como algoz.

Cobra perseguidora

A cobra em perseguição ao pirilampo esperto,
Quando fugira dela, passando longe ou perto.

O pirilampo rápido, ao se esconder,
Achou de enfrentá-la, antes da luta perder.

Indagando cara a cara, tímido, mas perguntou:
- Por que, dona cobra, de você correndo estou?

- Faço parte da sua cadeia alimentar? Ou lhe fiz algum mal?
Quero logo me desculpar.

A resposta foi pertinente, deixando o inseto tonto:
- Tenho raiva de quem brilha ou tem cara de santo?

Conceitos

A planta nasce na relva.
O amor nasce no peito.
Cultiva-se com carinho
Para viver sem defeito.

A planta precisa de sol.
Cria-se no rigor.
O amor é melindroso.
Esmera-se com fulgor.

A planta supera-se,
Oferecendo o seu fruto.
O amor, quando egoísta,
Tem potencial bruto.

A planta é diferente.
O amor também difere,
Pois depende da gente,
Sem ser alferes.

A planta precisa de sol
E de chuva para crescer.
O amor toma seu tempo
No universo do querer.

Sem amor não se vive,
Sendo fácil constatar.
Sem planta, então,
Como poderíamos nos alimentar?

O amor influencia
Nossa personalidade.
Ambos necessários à vida,
Mas com liberdade.

Competência

Muitas vezes pensei, um palácio visitar
Ansioso por querer, nele me instalar.
Como seria possível, se lá não tenho amigo
Nem conheço ninguém, então escute o que digo.

Entre linhas e travessas, meu desejo persistia.
Quem sabe chegarei, a vassalo qualquer dia.
Então no meu pensar, acoplado à memória,
Quem sabe alcançarei, tão sonhada vitória.

Quantas vezes, eu pensava, cutucada a mente,
Saindo do vago termo, uma bobagem da gente.
De novo ou novamente, como queiram entender,
Pensar estapafúrdio, não querendo se desfazer.

Sem ao menos esperar, recebi a mensagem
De que o rei queria me ver, pensando ser miragem.
Vesti o melhor que tinha, traje novo, perfumado.
Dirigindo-me para lá, estava sendo esperado.

Com o coração saltitante, minhas pernas bambas,
Como quem em um salão, ao embalo de bom samba.
Tudo nos conformes a chegada no portão.
Ser bem recebido como fino cidadão.

Meu relógio despertou, como sempre fazia.
Abri os olhos assustado, vi que amanhecera o dia.
Foi apenas um sonho, daí tomei consciência.
Palácio será minha casa, se eu tiver competência.

Cozinheira

Quando vou para a cozinha, preparo bem o almoço.
Meu alvo avental eu amarro no pescoço.
Todos tenham a certeza de que ficará um colosso.

Cozinho muito bem. Faço tudo com amor.
Qual seja a quantia terá aroma e sabor.
Com alimentação sadia, a vida tem mais valor.

Atendo porta e telefone. Fico ao redor do fogão.
Saúdo com carinho todo e qualquer cidadão.
Comida boa e quentinha aquece qualquer coração.

Tudo ficará pronto, antes de chegar a hora.
Quem chega se serve e comendo vai embora.
Recebo bons elogios, ontem, hoje e agora.

Comprovado

Com toda certeza o que eu irei escrever,
Uma comunicação correta, fácil de perceber,
A maior paz mundial uma família soube conter.

Um determinado dia, o patriarca morreu.
Um sentimento profundo, com o que aconteceu.
Mais triste para a esposa, que seu par perdeu.

Não levou muito tempo, ela também foi embora.
Encontrar-se, talvez, com ele no reino da Glória.
Com a demanda do casal, encerrarei o ato agora.

A família, então, ficou batendo-se pela herança.
Um difícil acerto para quem tinha vida mansa.
Ambos com o mesmo intuito, o que era de um, o
outro avança.

O Egoísmo imperava, todos querendo receber.
Nenhum largava mão, no impasse do querer.
Ninguém cedia ao outro, já irão compreender.

Uma terrível demanda, tamanha lenga-lenga
Nada dava certo, este caso capenga
O pior de todos eles, era um da perna renga.

Pedro e Paulo afastaram-se, brigados com José.
A vida tem seus caprichos, não devemos formar banzé.
Este ficou acamado, sem permanecer de pé.

Bolando plano diabólico, a sua mulher ele ordenou:
- Chame meus dois irmãos! E um logo se aproximou.
O outro mais distante, sem demorar chegou.

O moribundo ao falar, ordenando a cada irmão:
- Fique um de cada lado, ouçam o que digo então.
Quero morrer como Jesus: no meio de ladrão.

Cada quadrado

Um assunto sério. Custei para acreditar.
Uma alma subiu ao céu, depressa sem parar,
Logo de imediato, para a Terra retornar.

Diz que no céu só tem anjo, passando em revoada.
Como densas nuvens, quando ronca trovoada,
Sem ter nenhum sossego, todos de boca fechada.

Muitos santos parados, cada um no seu altar,
Sem se movimentarem, nem olho se vê piscar.
Um silêncio desmedido, impossível suportar.

Nossa Senhora sentada, ao lado do Bom Jesus,
Envoltos em um véu, parecendo túnica da cruz.
Tem com abundância, muito silêncio e luz.

Enfadonho relato, que assustou a gente.
Eu achava que no céu, fosse muito diferente,
Com festança e comida, sem se ficar impotente.

Cristo não dorme

Trajes que eu usava, ninguém queria para pano.
Palavras por mim proferidas, dizias serem do mundo profano.
Tinha certeza de ser tratado, com rigor desumano.

Botavas-me para baixo, como lixo jogado:
Um objeto sem valor, por ninguém procurado.
Eu me encolhia num canto, por ser difamado.

Enfim, são tantas coisas... Difícil de acreditar!
Como nas noites, no quarto, quando íamos nos agasalhar.
Sussurravas, reclamando: - Teus ossos vão me perfurar!

Cristo nunca dorme, tem balança para pesar
As grandes injúrias, que venham nos marcar.
Sofri tudo calado, não mostrei me revoltar.

O mundo não é um engano, enganado não quis viver.
Fui muito contemplador, amainando meu sofrer.
Pensando melhor, de ti não mais vou depender.

Dê a resposta

Vou fazer uma pergunta, esperando a resposta.
Vejam quem será capaz ou esteja disposta
Para compartilhar desta minha proposta.

Você já saberá. Iremos nos entender.
O papo continua. Irá me compreender
Por estar insistindo, querendo mesmo saber.

Eu acho necessária esta minha conversa.
Talvez dê resultado. Eu não tenho pressa.
Tornarei a insistir. Tenho tempo à beça.

Sair de casa correndo, até pode fazer tropeçar
Em pequeno entulho, por vez vindo a derrapar.
Encontra argumento, para se desculpar.

Deus, ao criar o mundo, tinha astúcia e poder,
Para em poucas horas, deixar tudo acontecer.
Mas levou sete dias para a gente entender.

Declararei à frente, responda se souber,
Estando interessado. Também se você puder
Resolva ou abandone, para o próximo que vier.

Quanto mais aprendemos, mais temos a aprender.
Na vida tudo é jogo, para a gente se desprender.
Não dispenso o que sei, nem pretendo vender.

Mesmo sendo sábio, o tema irá aprovar,
Com a cabeça aberta, para se ressaltar.
O que a vida representa, para a gente comentar?

Desvencilhou a rodilha

No porão da minha casa, tem um espaço aberto
Onde as crianças brincam comigo sempre por perto.
Para que tenham cuidado, de vez em quando, alerta.

Em uma destas manhãs, com a algazarra que um faz,
Quando menos se esperava, veja do que o outro foi capaz.
Sem a gente perceber, uma rodilha desfaz.

Pela graça divina, nem colocou a mão.
Com um pedaço de pau, dizendo ser um bastão,
Desvencilhou a rodilha, enroscada no pilão.

Saiu correndo e gritou que a corda andava.
Corremos todos para ver, do que se tratava
Uma cobra venenosa, que de novo se enroscava.

Ficamos aterrorizados, para prender o bicho.
Estava assanhado, na ponta do rabicho.
Sempre se arremessando, mordeu o saco do lixo.

De tanto insistir, prendeu-se em um caixão.
Nem sei como deu certo, sendo nossa salvação!
Daí ficamos seguros, com a incrível situação.

Foi encaminhada para um lugar, onde há especialistas
Para lidar com serpente, acho serem altruístas.
Saberão como proceder, sendo assim uma pista.

É o homem que, aos poucos, vai tomando o lugar
Dos animais que precisam, viver e se alimentar.
Tome muito cuidado, por onde você andar.

Dedicação

Sempre irei comentar, sobre sua formação.
Do homem e da mulher, enquanto cidadão.

O primeiro sabemos, não fora planejado.
Com uma bola de barro, em um ser foi transformado.

Assim instantaneamente, foi feito o sexo masculino.
Com tamanha altivez, livre no seu destino.

Com a mulher difere, uma costela amoldada.
E Adão apoderou-se, tomando-a por sua amada.

O homem é decidido, forte na sua constituição.
Explode, mas é acatado, faz valer sua decisão.

Com a mulher acontece, tudo mais devagar.
Como fogão a lenha, demora pra esquentar.

Vamos pensar juntos, para tentar entender.
Se ela é melindrosa, não há o que fazer.

Se o homem quiser, ter uma mulher ao seu lado,
Terá de ter paciência ou está tudo acabado.

Pois será o homem, que muito mais perderá.
Com a mulher arredia, carinho ele não terá.

Porque até mesmo ela, se dá bem sozinha
Trabalha fora de casa, lava, passa e cozinha.

Para conviverem juntos, terão de se entrosar.
Dar-se amor e carinho, para a chama não apagar.

Disciplina

Saia deste marasmo, mesmo com dificuldade.
Nem que seja devagar, mostre força de vontade.
Só o forte vencerá, conquiste a sua liberdade.

Nunca dormir demais, peça que amanheça.
Quando cobrir os pés, descubra a cabeça.
Ouça a voz do saber, ao superior, obedeça.

Dormir muito pouco, comer para aguentar
As pancadas sorradeiras, que a vida nos manda dar.
Sonhe com tempo melhor, sem saber onde vai dar.

Esperando, siga, firme e forte, na raça.
Mesmo nos dias de hoje, passado não ameaça.
Bom é estar com vida, enchendo-nos de graça.

Agregue-se à família, com ela fique vivendo.
Juntos entender-se-ão, e do mesmo cálice bebendo.
Mal de todo consolo é, nada você temendo.

Por pouco, não se exalte, cada qual com seu quinhão.
Justiça começa em casa, pra tudo há solução.
O tempo é bom conselheiro, planeje-se de antemão.

Unir-se à força do bem, que distante se avista.
Sendo esperançoso, arme nova conquista.
Quer conseguir ouro, não o encontrará na pista.

Muito cordialmente, encerrarei o assunto.
Vive-se com barganha, antes de virar presunto.
Explore seu potencial, conserve a família junto.

Determinado hábito

Pelo mundo inteiro, serão todas iguais,
Em todos os lugares, as escritas e os digitais.
Temos inúmeros impressos, livros e jornais escritos
Que correm o mundo, sem nos trazer atritos.

Impressos com estilos, sendo registrados
Sem sair dos escritórios, todos bem armazenados.
Embora vindo a internet, atravessando mundo afora,
Com tantos digitais, os impressos não vão embora.

Para registrar formas, neste ponto, sabendo.
Sendo um tanto seguro, impresso sempre cabendo.
Pois todas as pessoas precisam ter em mão
Seus registros no papel, para sempre necessitarão.

Com este mundo moderno, tudo que será registrado
Se sumir da tela, como será encontrado?
Naturalmente é no papel, que para sempre estará
No grande universo, com certeza encontrará.

Ter em mãos é incômodo, caneta, papel e régua
Tantos outros apetrechos, mas não lhes daremos trégua.
Este universo mágico, apoderou-se de todos nós.
Querendo ou sem querer, registrado por mim e por vós.

Tanto o papel como a tinta, na máquina ou à mão.
Estando para sempre, servir a população.
Concordará comigo, queira você ou não.
Atravessa o mundo, toda e qualquer nação.

Está aqui

Sentado em uma cadeira, com uma caneta na mão,
Uma simples caneta, servindo ao cidadão.
Estava comigo, eu a manobrava.
Passando para o papel, o que na cabeça apurava.

Estando ao meu dispor, para eu escrever
Tudo que quisesse, só para você ler.
Mas leia sem discutir, pode não lhe agradar.
As palavras vão além, e você pode aproveitar.

Eu também sou humano, com direito de errar.
Quem for inteligente, minha ideia vai acatar.
Quando fazemos o bem, isto nos engrandece.
Todo ser humano, outra chance merece.

Então verá

Pois tem maldito dia, sem nenhuma alegria.
Temos de nos controlar, para todos sempre terá.
Fases que a vida trará, empurrão para contornar.

Nem tudo é perfeito, assim o mundo foi feito.
A luta nos faz vencer, há quem tanto tem.
Outros a pedir vem, achando merecer.

Com uma carta na mão, ganha o jogo de raspão
Aquele que é esperto, levante a sua cabeça.
Se não subir não desça, continuando correto.

Busque o que quer, daquele jeito que der.
O mundo será dos vivos, tente quanto tentar.
Procure experimentar, encontre motivos.

Jamais fazer inimigo, ouça o que lhe digo.
Levará vantagem, se não ganhou herança.
Não fique na esperança, deixe de miragem.

Vivendo longos anos, cuidando com enganos.
Nada virá de graça, fraude não compensa.
Desonestidade dispensa, só trará desgraça.

Era uma vez

Alguém tinha um pássaro, preso numa gaiola.
Certo dia ao tratá-lo, deixou aberta a portinhola.

A ave não perdeu tempo, bateu asas e se mandou.
Pousando distante, alegre se libertou.

Mas não durou muito, assustando-se com a liberdade.
Com medo dos predadores, que matam sem piedade.

Muito mais receio teve, de não conseguir achar.
Alimento e água fresca, para poder se saciar.

Julgava ser um predador, todo vulto que passava.
Camuflado e escondendo-se, rente ao chão se abaixava.

Vivendo assustado, achou não resistir.
Voltou pra gaiola, feliz seu dono a sorrir.

Engole seco

Um tropeiro viajava pelo sertão do Brasil.
Percebeu alguém lhe seguir, sendo com passo sutil.
Depressa o abordou, falando-lhe gentil.

Diga-me de onde vens! Por que aqui andando?
Estando disposto, a mim vem se juntando.
Se souberes montar, juntos iremos cavalgando.

Responde no pé da letra. - Eu vivo sem destino.
Junto-me a muitos, desde o tempo de menino.
Por minha saudosa mãe, juro que nunca cometi desatino.

Aí fizeram um pacto, para cuidar da manada.
Tocando grandes tropas, com mais gente enturmada.
O céu e a terra serão testemunhas da jornada.

Quando o sol desponta, bom trajeto ficou atrás,
Chegando ao seu destino, cultuando só a paz.
No humilde coração, bom sentimento traz.

Atravessa cidade e sertão, não se prende a donzela.
Como arma tem somente, no cinto a sua fivela.
Se não gostar do assunto, empurra pra goela.

Faz da estrada sua casa, do cavalo seu amigo.
Dorme em qualquer lugar, nem sempre encontra abrigo.
Vive com muito pouco, tem sempre Deus consigo.

Isto mostra para todos, a força que a bondade tem.
Viva como você quiser, seja amante do bem.
O céu está na terra, não o procure no além.

Erga a cabeça

Passa o que você passar, seja em qualquer lugar,
Erga sempre a cabeça, cuide só do que é seu.
Aprove o que Deus lhe deu, terá o que mereça.

Nem convém almejar, o que não puder alcançar.
O bom senso virá, cuide pra não ficar doente
Como acontece com muita gente, o fim você saberá.

Nunca se deve esperar, que de cima vá chegar.
Algo pra lhe proteger, os meus problemas são meus.
Os teus problemas são teus, procuraremos resolver.

De cima só cai água, nunca conserve mágoa.
É minha opinião, dinheiro não dá cria.
Digo isto todo dia, foge entre os dedos da mão.

Em família

- “Fecha essa matraca aí!”

É como mamãe falava.

Nós, por respeito a ela

De boca fechada ficava.

Papai, numa cadeira

Sempre dando risada

Dizia que mosca não entra

Em boca que está fechada.

Era assim, deste jeito

Que falava titia:

- Vocês nunca se cansam!

- Falam sempre, noite e dia!

Dindinha sempre chegando

Bem em cima da hora.

Dava logo seu recado.

Apressada, caía fora.

Vovó sempre tinha
Um diferente jeitão.
Era com carinho e meiguice
Que nos dava educação.

Quando nós nos reuníamos
Era uma coisa gostosa.
Tinha quem erguia a perna
E soltava alguma ventosa.

Hoje está um em cada canto
Nunca foi, nem será diferente.
É assim que se acaba
A família da gente.

Eu e vovó

Quando eu visitava vovó,
Quase sempre estava só.
Sentada em sua cadeira,
Ficava feliz ao me ver,
Dizendo que queria
Ser uma menina faceira.

Sorria nos abraçando.
Sempre se embalando.
Triste me acariciava.
Esperta, eu entendia
Tudo que ela dizia.
Contra si me apertava.

Pesar dela eu tinha.
Estava sempre sozinha.
Mas nem se queixava não.
Os anos passaram.
As coisas mudaram.
Estou na mesma situação.

Luto contra o tempo.
Bem pouco me sento.
Sem ficar isolada,
Saio, converso e trabalho.
Bordo, costuro e talho.
Nunca fico parada.

Tenho horror da velhice.
Não sei se é burrice
Ou então inteligência.
Quero morrer andando,
Sempre me comunicando.
Valei-me, Divina Providência!

É a sobrevivência

No alto pico da montanha,
Alguém reside na serra.
Só cascalho tem por lá.
Não planta por não ter terra.
Para poder sobreviver,
Trava consigo uma guerra.

Come os frutos que encontra.
Sai cedinho pra caçar.
Bichos se escondem
pra poder escapar.
Banha-se e pega peixe
Nas águas bravias do mar.

Mesmo assim vive feliz.
Respira ar de candura.
Aninha-se como pode
Em cama de pedra pura.
Perto do arranha céu,
Sua vida é muito dura.

Longe da cidade grande,
Perto de feras perigosas,
Com a lei da sobrevivência,
Jamais contará prosas.
Teme, quando troveja,
Com nuvens buliçosas.

Com tudo que vê e passa,
Respeita a natureza.
Dela tira seu sustento,
Com muita delicadeza,
Para que se refaça
Com tamanha presteza.

Esta é, sem dúvida,
A vida de muita gente.
Enquanto espera melhorar,
Toca tudo pra frente.
Uns com tanto conforto,
Infeliz ainda se sente.

Esta vida

Vem um tempo e vai outro.
Vai um e outro vem.
Confesso, sinceramente,
Fé e força, sempre tem.

Juventude, bela fase,
Um tanto atrevida.
Sem dúvida, um baluarte,
Linda fase da vida.

O tempo não dá trégua.
Corra, não fique atrás.
O viver mostra sabedoria.
Amadurecimento traz.

A velhice chega correndo.
Continue com garra sua luta.
Aproveite a oportunidade
Que merece disputa.

Entendendo

Saem de lugar distante, para mais distante ainda,
Passando em bando, com revoada linda.

Deixam seu habitat, para se multiplicar.
Com a ninhada fortalecida, de onde vieram tornam a voltar.

Umas em telhado, procuram se aninhar
Para com esmero e sossego, sua família criar.

A maioria em barranco, em lugar escavado.
Primeiro examinam, fazem ninho encravado.

Espertas e muito ativas, dão show de beleza.
Acompanhadas pela prole, enfeitam a natureza.

Boa parte não mais volta, se dispersa da vizinha.
Jamais fará verão, uma única andorinha.

Filho

Filho não é propriedade dos pais, isso nós sabemos.
É legítimo herdeiro, sendo dele tudo que temos.
Do filho valioso amigo, é importante fazer.
Merece nosso respeito, não impor pra obedecer.

Dar-lhe toda liberdade, com perspectiva de vida.
Tanto quanto possível, pra físgar seu pão na lida.
Respeito deve existir, somente o necessário.
O principal é proteção, sem ser seu adversário.

O filho tendo paz, corresponderá também.
A vida se tornará um paraíso, meu bem.
Ame seu filho, unindo-se a ele cada vez mais.
Limite certas atitudes, e terão vitória filhos e pais.

Força feminina

Só para refletir, o que passo a relatar
Do instinto animal, faz a gente delirar.
Alguém tinha uma cadela, presa por cadilho.
Ganhou três fêmeas, nem sequer um filho.

A dona indignada chamou, então um algoz.
Ordenou para matá-las, deixando a mãe a sós.
O mandato cumpriu-se, sem dó nem piedade.
O boato divulgou-se, na pacata cidade.

Passado bom tempo, outra ninhada apareceu
Da mãe que outrora, a prole inteira perdeu.
Na última tinha só, uma fêmea delicada.
A mãe a reservou, tratando-a separada.

Os machos desmamados, tirados do local.
A filha se fortaleceu, quieta naquele local.
A dona ao tratar a mãe, não esperava a reação.
Atacada na garganta, ficou estirada no chão.

Fica como exemplo

Eu dei de cara com o progresso.
Chutei o pau da barraca.
Mantive-me firme.
Medo não me atarraca.
Roupa demais batida,
Enfraquecendo esfarrapa.

Querendo mesmo mostrar
A força que a lealdade tem,
Quando com otimismo,
Trabalha-se para o bem.
Sendo demorado,
Impulsionar se vem.

Uma hora, se desce.
Outra vez, pula em vão.
Com astúcia e pureza,
Com trunfo na mão,
Ainda que às avessas,
Faz das tripas coração.

Por inúmeras rejeições,
Sem esperar, passei.
Nada me abalou.
Também não desanimei.
Embora acabrunhada,
O difícil contornei.

Um tempo acabrunhada,
Pensei em desaparecer.
Conhecido se disfarçou,
Fingindo não me conhecer.
A verdade é uma só.
Sempre fiz por merecer.

Saindo cabisbaixa,
Trotando como burra.
Como se fala na gíria,
Quem muito come, se empanturra.
Sairá no prejuízo,
Quem ponta de faca esmurra.

O mundo tem seus caprichos.
Quem procura sempre acha.
Ande em busca do sucesso.
Veja se não empacha.
Honestidade é apurada
Na água como graxa.

Folhas inertes

De certos lugares escusos
Nas noites silenciosas
Lentamente avulsas
Rajadas melindrosas
Da ventania ofegante
Sussurrando escabrosas.

Multiplicam-se atroz
Afastando-se, voltam
Dão de frente com encostas
Sempre se escoltam
Folhas secas inertes
Sem vida, se soltam.

Rumando pelo arraial
Uma surda monotonia
Das noites imaginárias
Com o luar que irradia
As cidades pacatas
Do sertão à freguesia.

Sopram, urram e se afastam
Deixando pelo sertão
Para quem vive isolado
Tamanha solidão
Uns incosequentes
Sofrendo estarão.

Rajadas se multiplicam
Derrubando ramadas
Que algumas vezes
Atravancam as estradas
Trazem soluços e prazer
De almofadinha e cabocladadas.

Gritos indomáveis soam
Na calada da noite
Desesperados com a sorte
Como chicote de açoite
Submersos no íntimo
Sendo melhor que se amoitem.

Girando ideia

A esperança tem asa, dando vez para voar.
Canta alegre melodia, sem a letra decorar.
Levando ao passado, o presente a confirmar,
Sem ao menos saber, no futuro o que vai dar.

Evadindo-se, se necessário, tendo pra onde ir.
Sem perder seu equilíbrio, de sonhos não desistir.
Certos laços de amizade, fazem chorar não sorrir.
Decepção mata sonhos, nunca deixar de se exhibir.

Quando solicitado, tenha antes certeza.
Lute com todas as forças, calma é a maior riqueza.
Não se torne joguete, nem se ache realeza.
O valor vai muito além, não está na beleza.

Descer, sendo necessário, vença com austeridade.
Orgulho fere preceito, empata com calamidade.
Mesmo ao se debater, virá sempre a verdade.
Honra é o maior valor. Viva sua realidade.

Tagarelar lhe arruína, pense no que disser.
Pra não correr o risco, atento ao que souber.
Honrando seus status, por onde se estiver.
Ficando de tocaia, haja o que houver.

Vale pra toda pessoa, sendo confirmação.
Toda mulher também está, na fila de cidadão.
Com direitos e deveres, nem é minha opinião.
Vai além do pensado, está na Constituição.

Galantear

Gosto muito de morar, no meu aconchego e sozinha.
Bem pouco converso, com a nossa vizinha.
Ela também mora só, nós somos solitárias.
Isto nos dá a chance, de sermos solidárias.

Quando temos novidades, passamos a nos comunicar.
Dirigimo-nos ao portal, pra gente conversar.
O dia inteirinho, fico trancada em casa.
Gosto de sérios assuntos, fofoca comigo não vasa.

Morar só tem suas vantagens, levantar durante a noite.
Assaltar a geladeira, com todo afoite.
Dormir de luz apagada, ou vice-versa também.
Fazer o que desejar, sem dar satisfação a alguém.

Andar em casa à vontade, até com pouca roupa.
Usar banheiro de porta aberta, não falar quando rouca.
Tantas outras coisas, que nem preciso falar.
Como soltar ventosa, de pernas abertas, sentar.

Espirrar estridente, quando resfriado.
Assustando sem querer, quem está descuidado.
Deixar roupa onde tira, quando está cansada.
Não secar o banheiro, nem estender a toalha molhada.

Quando ao se levantar, nem arrumar a cama.
Ninguém fica sabendo, para não ter má fama.
Também não lavar louça, muitas vezes ao dia.
Coisas deste gênero, uma porca mania.

Trazar as compras pra casa, e deixar em cima da cadeira.
Tomar água fresquinha, sem devolver à geladeira
Em qualquer um lugar, deixar a chave da porta.
Quando precisa de novo, como louca se comporta.

Deixar calçado sujo em qualquer canto, mesmo cheio de lama.
Ao precisar, por santo conclama, amontoar muita roupa.
Dizer que tempo não terá, para cuidar delas.
Desculpa sempre dará.

Nem chega o fim do mês, acabou toda grana.
Aproveita as sobras, deixa de fazer programa.
Fingir estar indisposta, quando não quer sair.
Se a companhia não lhe agrada, mente sem alguém pressentir.

Fala que almoçou caviar, quando comeu sardinha.
Passando a arrotar, saborosa tainha.
Telefone não gosta, nunca de atender.
Encontrando desculpa, para se defender.

Higiene mental

Toda minha família e eu fizemos uma viagem.
Pegamos a embarcação, com muita coragem.
Subimos rio acima, curtindo outra paragem.

Lindos e grandes frutos, maduros sempre colhemos.
Todos muitos saborosos, sem dúvida comemos.
Era tamanha quantidade, que ensacamos e trouxemos.

A viagem foi proveitosa, fizemos higiene mental.
Abismados com a natureza, jamais vimos coisa igual.
Daqueles frutos exóticos, nós não temos no quintal.

Honra de pescador

Ao pescar umas piabas, na beira de um rio,
No trapiche escorreguei, causando-me arrepio.

As iscas serviriam pra pescar, peixe de bom porte.
Assim eu esperava, na ginga fazer transporte.

Estive no pesqueiro, bom tempo imperado,
Esperando, sem sucesso, pelo que não havia tratado.

Chegando de volta em casa, meu filho me abordou.
Para o caldo a mamãe, o tempero preparou.

Pedi ao sair de casa, bênção pra pescaria.
Abri a boca e não blasfemei, foi uma bela porcaria.

Olhando pela janela, vi enorme garça branca.
Fiquei embasbacado, coisa que a voz tranca.

Não querendo acreditar, fui até o gramado.
Uma anchova pulando, prostrei-me ajoelhado.

Foi a força divina, que minha fé compensou.
Aquele peixe vivo, pro nosso caldo Deus mandou.

Imponente

Sou uma planta esguia, em mim ramo não brota.
Dando-me bem em terra firme, tanto quanto em funda grota.

Minhas enormes folhas, quando trituradas.
Servirão como alimento, reforço para as manadas.

São minhas testemunhas, tanto o sol como a chuva.
Delicio-me no espaço, caio bem como uma luva.

Me desintegrando, sou fertilizante sem igual.
Adubo plantas frutíferas, e as flores do seu quintal.

Atraem enxame de abelha, minhas melosas flores
E outros insetos famintos, com corpos multicores.

Atinjo o cume da floresta, mas não sou maleável.
Em mim o passaredo alegre, entoa canto agradável.

Há uma variedade de marca, nasço bem se me plantar.
Sou muito atraente, pra mim sempre tem lugar.

Pra cada folha uma moça, planta esguia com quina.
Muito se alongando, pouco engrosso e sou fina.

Também muito usada, pra fazer pontilhão.
Em terreno encharcado, tiro a umidade do chão.

A grosseira casca do fruto, pode aquecer seu fogão.
Nunca a desperdiçar, cozinha sua alimentação.

Assim me apresento, minha película escura
Enfeita qualquer torta, quem conhece jura.

Me deixando intacta, meus frutos irão cobiçar.
Não tenho espinhos, você pode me abraçar.

Sabendo me explorar, maleando com sua mão.
A de certa marca, dará macio algodão.

Meu fruto tem durabilidade, e é conhecido neste mundão.
Sempre com boa aparência, presente no inverno e no verão.

Meu fruto custa a despencar, mesmo quando amadurece.
Colhe-o quem tem traquejo, seu trabalho o enaltece.

Meu fruto produz gordura, se também for extraída
Sendo muito valiosa, nas mãos de poucos caída.

Por demais, quando velho, não fico esburacado.
Tem quem me use, sou muito procurado.

Fruto por demais usado, minha casca abre-se com serra.
As raízes formam uma soca, fixando-me na terra.

A polpa do meu fruto, quando beneficiada.
Atravessa fronteira, sendo muito cobiçada.

Tudo em mim é aproveitado, nada se joga fora.
Sirvo para adorno, todo artesão me explora.

As araras empoleiram-se, para se alimentar somente.
Tem ave que em mim, faz ninho quando é conveniente.

Saibam que sou imponente, sem nenhuma vaidade.
Cubro pequenos casebres, no sertão e na cidade.

Das raízes de certa espécie, produz-se vassoura.
Apreciada no mundo, por onde passa estoura.

Com a polpa do meu fruto, faz-se doce saboroso.
Todos dão preferência, satisfaz povo guloso.

Sacrificada em pedaços, em mim vivem outras vidas.
Fixam em meu tronco, belas orquídeas coloridas.

Na ponta tem um miolo, nutritivo alimento.
Todos gostam de saborear, balanço-me com o vento.

Também é ótimo refresco, a leitosa água do fruto.
Para você obter, sendo um trabalho bruto.

Existo com abundância, no norte do nosso país.
Decifre meu nome, aproveite pra ser feliz.

Conhecido quando aberto, se estou rançoso.
Por lhe ludibriar, considero-me presunçoso.

Para rechear torta, sou muito procurado.
Imagem então, com açúcar misturado.

Com toda descrição, mais valia posso ter.
Sempre estando a vista, no mercado para vender.

Conhecida pela população, quero ser bem mais astuta.
Deus me livre do machado, da caboclada astuta.

Inversão

Em uma espécie de peixe, um fenômeno pode ocorrer.
Ao perder o equilíbrio, nova chance pode ter.

Difere dos demais viventes, uma única vez na vida.
Sendo como defesa, encontrando saída.

Em algumas semanas, o processo pode levar.
Esta inversão ocorre, ao se desequilibrar.

Sendo como um jogo, para austero se mostrar.
Ou talvez uma chance, podendo se afirmar.

Ou quem sabe também, se desequilibrando.
Terá uma nova chance de ir se propagando.

Instrução

Cãibra, uma concentração muscular exagerada
Parcialmente involuntária, em músculos atracada.

Sendo o cérebro que manda, por meio dos músculos motores
Certos impulsos elétricos, causando dissabores.

Avisa muito rápido, quando deve se contrair
Ou então relaxar-se - sua tarefa cumprir.

Quando os impulsos chegam, podem mudar e se abrir
Receptores membranosos, fibra muscular a se revestir.

Então estes acionados, como sendo portões
Pelos quais os nutrientes, agem como guardiões.

Provocando alterações, num espaço necessário.
Quando sai o outro, ataca o adversário.

Provocando contrações, bruscamente vai atacar.
Indo se concentrando, nos músculos a se instalar.

Insolente marinheiro

Uma grande embarcação, navegando em alto mar.
Relâmpagos enviesados, no céu, começaram a riscar.

A tripulação assustada, esperando a tempestade.
Que sem demora assolou, deixando-a em dificuldade.

Lentamente o sol se retraiu, o tempo rápido escureceu.
Os ânimos se abalaram, o manto nublado cresceu.

Todos aterrorizados, só tendo de esperar.
Nada havia a fazer, ao temporal desabar.

Sem querer que a tempestade o molhasse,
Um marinheiro foi ao mar, num salto pioneiro.

A tempestade sumindo-se, nem uma gota de água caiu.
E o marinheiro sem graça, ensopado da água saiu.

Imagem madrinha

Realizada em Brasília, a primeira missa campal
Na Praça do Cruzeiro, sendo esta a principal
Um dos pontos mais altos, do Planalto Central
Pelo então arcebispo, de São Paulo o cardeal.

Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota.
Presentes autoridades, fazem parte da cota
Presidente Juscelino Kubitschek, com seu vice a praça lota.
O saudoso João Goulart, a história adota.

Trabalhadores empenhados, em construções elementares.
Na cidade de Brasília, ocuparam seus lugares.
Deram de si o melhor, alta classe e similares
Representantes diplomáticos, escritores e parlamentares.

Receberam a imagem de Nossa Senhora Aparecida.
Permanecendo, por muitos aplaudida.
Continuando esperamos, sempre reconhecida
Que jamais seja, uma madrinha esquecida.

Exposta na Basílica, a cruz ainda se encontra.
Quem faz visitaçãõ, com a verdade se defronta.
No ano de 2008, a cidade ficou pronta.
A partir de 2014, na catedral a missa se apronta.

Jeito e cara de santo

Na cruzeta de um poste, João de Barro fez morada
Construindo o seu ninho, junto com a sua amada
Trazendo no biquinho, bola de barro amassada.

Foram longos dias de luta, até que enfim terminou.
Com maravalhas macias, o dorso do ninho forrou.
O aconchego dos seus sonhos, o casal comemorou.

Ainda com penas coloridas, o fundo do ninho forrara.
Para ficar maneiro, com cuidado arrumara.
Estava tudo perfeito, conforme planejava.

A fêmea depositou os ovos, com o tempo descascaram.
Uma perfeita ninhada, como eles esperavam.
Muito satisfeitos, radiantes comemoraram.

Mas um gavião faminto, por ali sempre passando.
Com as aves descuidadas, o ninho espreitando.
Deu cabo aos filhotes, aflitos os pais ficando.

Isto muito acontece, com quem dorme no ponto.
Para não cair em alçada, tem de deixar de ser tonto.
Ladrão não marca hora, tem cara de santo.

Ká pra nós

No engenho do vovô, quando na colheita.
Era pra lá que se ia, toda pessoa era aceita.

Raspar mandioca, botar massa no forno.
Fazendo qualquer serviço, podendo apertar o torno.

Regular a prensa, espremendo o suco
Da mandioca ralada, um trabalho bruto.

Cada etapa cumprida, uma em cada vez.
Pra escorrer o tipitim, como se faz e fez.

O serão sempre durava, até bem tarde da noite.
Ao nos despedirmos, saíamos sem afoite.

Condução não se tinha, sempre se andava a pé.
Corríamos na estrada, com algazarra e banzé.

Ansiosos durante o dia, pensando no serão.
Toda noite sendo feito, naquele saudoso sertão.

Quanto tempo passado, quanta lembrança gostosa.
De quando éramos livres, da mocidade venturosa.

Aquele tempo passou, registrado na mente.
Reflete como cenário, na memória da gente.

Quantas vezes imagina-se, que não era intenção de ajudar.
Concluo sendo oportunidade, pra gente namorar.

Destas gostosas lembranças, ainda sinto saudades.
Como jamais esqueci, da minha mocidade.

Daquele velho engenho, cheirando fumaça.
Do nosso reboleço, da gostosa arruaça.

O engenho não mais existe, nem no vovô ouve-se falar.
Lembro das piadas, que gostavam de contar.

A maioria da rapaziada, quando a safra acabou.
O esperto danou-se, a família aumentou.

Lufalufa

Fui subindo uma rua, uma pequena ladeira.
Com curvas e buracos, com muita tranqueira.
Tinha vendendo frutas, um homem de chapéu.
Também carrinho com peixe, tudo isto a granel.

Gente carregando compras, vindas do mercado.
Aquele barulho sem fim, num pequeno povoado.
Por mim também passou, um enorme caminhão.
Fazendo a sua entrega, era material de construção.

Então levei um susto, quando vi uma boiada.
Solta se dispersou, tomou conta da estrada.
Um homem de bicicleta, parando me informou:
- Sou o único estafeta, que neste lugar sobrou.

Com pintos ciscando, uma galinha pintada.
Um galo acompanhando, fiquei com medo da parada.
Atravessando a rua, uma enorme porcada.
Indo um atrás do outro, numa marcha trotada.

Um cavalo relinchando, carregando o ginete.
Um homem muito magro, parecendo um alfinete.
Um esperto gato preto, mas não era sexta-feira.
Senão faria um despacho, até por brincadeira.

Mais adiante vinha, um touro berrando.
Deste eu tive medo, rápido me retirando.
Um cachorro peludo, abocanhando um osso.
Numa manhã de domingo, é pura verdade seu moço!

Lindos galhos

Quem entende de galho, é somente a mulher.
Por todo rincão se acha, sofre e carrega porque quer.

Leva pra cima e pra baixo, leva pra dentro e pra fora.
Espere e saberás, nos versos que virão agora.

Quando os galhos pesam, gostaria de descartar.
Mas ainda admite, que por nada os irá deixar.

É que gosta dos galhos, quando os vê florescer.
Fica estupefata, com flores para colher.

Ler com atenção

Cobra, um dos poucos animais, que sua prole não cria.
Ao nascer terá de se virar, estatelado na terra fria.

Não come algo sem vida, mata somente pra comer.
Seu instinto o direciona, estrebucha pra sobreviver.

Cada tipo escolhe certo, seu petisco ou caça.
Todas são carnívoras, muquirana não perdoa nem sua raça.

Depois de saciada, procura descansar.
Entoca-se em buraco, indo hibernar.

Reproduz-se naturalmente, umas expelem filhotes.
Outras colocam ovos, cada qual segue seus dotes.

Passa bom tempo na água, vive muito na terra.
Atravessa mata fechada, funda grota e alta serra.

Nem todas são venenosas, somente especialistas
Têm mérito para decifrar, sendo difíceis as pistas.

Livre-se do seu abraço

Tigre, animal temido, pelos habitantes da selva.
Descansa em barranco, também na fria relva.

Suas munhecas possantes, valiosa arma sem igual.
Um abraço deste selvagem, torna-se caso mortal.

Há caso em que ele, um tanto revoltado,
Atacou o domador, sem ser controlado.

Pelos vivos respeitados, toma conta do pedaço.
Um predador de primeira, livre-se do seu abraço.

Mania de brasileiro

Todo brasileiro tem mania, de tudo entender um pouco.
Acha-se artista e médico, com algum tique de louco.

Como artista compõe, mistura com tabuada.
Multiplica, adiciona e subtrai, divide, fica sem nada.

Como doutor é imprudente, gosta de se automedicar.
Entope-se de remédio, sua saúde vem complicar.

Como louco dá mancada, leva sua vida, brincando.
Caindo, ele se levanta, assim seu tempo passando.

É também mamãe coruja, vivendo sua emoção.
Achando agir certo, em tudo põe seu coração.

Como amigo, pode fracassar, o fracasso não admite.
Tenta restabelecer amizade, teme que não mais o acredite.

Também como chefe, deixa a situação passar.
Para fazer-se de legal, companheirismo conquistar.

Uma forma de desabafo, desculpe-me, se falho!
Respeito humano é legal, cada macaco no seu galho.

Megera

A morte rondou o espaço, em uma porta foi bater.
Falando consigo: - Deixa esta gente viver!
Desistiu imediatamente, cada qual com o que merecer.

Queixou-se ao seu superior, reclamando da sorte.
Quanto me repudiarão, chamando-me maldita morte.
Tenho de tirar a vida, tanto do fraco como do forte.

Culpa nunca terá, o chamado é universal.
Haverá sempre desculpa, para todos sendo igual.
Pela eternidade, comandará afinal.

Nunca irá escapar, da conseqüente azaração.
Chegando a megera morte, ceifa a vida do cidadão.
Não escolhendo idade, o tempo está em sua mão.

Matusalém

Na linda primavera, uma grande floração.
Das plantas exuberantes, em meio a todo sertão.

Exalando perfume, com cheiro de terra.
Ao longe avista-se, seu colorido na serra.

Planta tem vida, oferecendo-nos seu fruto.
E tantas coisas mais, pagamos com instinto bruto.

Quando maltratadas, tentam se aprumar.
Mostrando-nos vigor, para a vida continuar.

Não sendo depredadas, por séculos podem durar.
O homem e as catástrofes, com seu vigor podem acabar.

Raízes as fixam na terra, pra apoio lhe dar também.
A árvore mais velha do mundo, é o centenário Matusalém.

Está nos Estados Unidos, em lugar ignorado.
Muito bem protegida, pra não ser depredada.

Morador do sertão

Desde que eu nasci, sempre morei no sertão.
Não tinha carro de boi, nem carroça e alazão.
A mercadoria transportada, em carrinho de mão.

Deixava meu roçado, vindo para a cidade.
Trazendo o que pudesse, sem nenhuma vaidade.
Só o que posso dizer, é que falo a verdade.

Em minhas andanças, sempre alguém me seguia.
Como bom caipira, minha vida prosseguia.
Ficando extasiado, com a formosura que via.

Em um fatídico tempo, com uma bela me deparei.
Escancarando um portão, tive coragem e perguntei:
- O que fazes por aqui? Sem querer falar, falei.

Respondeu-me no ato: - Jovem, eu quero te abraçar!
Dar-te minha vida, contigo poder casar!
Deixando tal ilusão, no teu sertão ir morar.

Por um pouco pensei, sem ter muita certeza.
Como uma dama, com tamanha beleza
Poderia me pertencer? Pura delicadeza!

Eu que nunca tivera, uma única namorada.
Só olhares desencontrados, em fria madrugada.
Ao dispor um do outro, por hora malfadada.

Música

Prestando bem atenção, a música vem encantar.
Uns cantam para viver, outros vivem para cantar.

A música alegre os corações; entristecer, outras vêm.
Quem canta, males espanta; terá alegria, meu bem.

Ensinamos a criança, a cantar na tenra idade.
Nanamos o neném cantando, sabemos desta verdade.

Música sacra ou popular, clássica ou sertaneja.
Com força poderosa, é sempre uma peleja.

A criança e o velho cantam, para os jovens é o sal.
Temperando seu viver, espantando todo mal.

Cantando esquecemos, as agruras desmedidas.
Cantamos desde o início, ao fim das nossas vidas.

Muquirana

Pessoa da mão fechada, chamamos de muquirana.
É que somente abre a mão, quando ele se engana.

Passa a comer as sobras, para guardar dinheiro.
Veste roupa surrada, esquiva-se de banheiro.

Calçado é um horror, limpa lama, nem lava.
Ficando com crosta, do chulé ainda se gaba.

Sujo seu cabelo fica, duro até espichado.
O pente não entra na juba, do bigode faz cajado.

Dorme encorujado, coberta é puro trapo.
Diz viver muito bem, quando quer se dá um trato.

Roupa vira um cascão, nunca deixa lavar.
Dizendo durar mais, fica em pé se botar.

Quem vive deste jeito, tem cabeça fresca.
O estrume ajuda a criar, dá história pitoresca.

Nada devo mas sou escravo

Sou escravo de tantos, não só do meu dono.
Se de má qualidade, quem me possui entra pelo cano.

Sendo sempre delicado, trabalho noite e dia.
Não me permitem parar, sou a sua garantia.

Quando o sol desaparece, fica difícil se posicionar.
Com meu desempenho, podem seu tempo regular.

Com movimento mecânico, caminho sem parar.
Rodo no mesmo espaço, faço o tempo marcar.

Há de várias marcas, como adorno eu sou legal.
Antes sendo joia rara, hoje acessório banal.

Giro vinte e quatro horas, sem parar o ano inteiro.
Nunca remunerado, mas custo muito dinheiro.

Meus minúsculos rodízios, contam minuto e segundo.
Tem de várias espécies, girando pelo mundo.

Não falta

Eu entrei no boteco, para uma pinga tomar.
Tinha no bolso um trocado, para meu trago pagar.
Bebi demais da conta, sem de pé poder ficar.

Lá pelas tantas horas, quando a noite adentrou.
Eu já estava a mil, e mais doce o mé ficou.
Com as pernas travadas, na cabeça tudo rodopiou.

Nem dei conta de mim, não soube o que aconteceu.
Quando quis ir embora, o tempo anoiteceu.
Disse o dono do boteco, muito você bebeu.

Daqui você não sai, sem sua conta pagar.
Salde toda a sua dívida, ou no xadrez vai parar.
Verá o que lhe acontece, tentando-me enganar.

Tens de consultar seu bolso, quando começar a beber.
De graça não tem bebida, e o estoque é pra vender.
Tudo na ponta do dedo, lucro terá que render.

Eu andava de marcha ré, firme na minha raça.
Pensando sem falar, isto é uma desgraça.
Com dinheiro no bolso, não falta amigo na praça.

Não se dê por vencido

Poderá perder a batalha, mas lute com orgulho.
Tempestade tenebrosa, sempre trará entulho.

Mas também passará, ouça-me, faça-me o favor!
Sendo um aprendizado, tudo enfrente sem pavor.

Quando houver baixa, depois poderá vencer.
Colocando-nos de pé, nos fará aprender.

Porém nossos problemas, jamais de fora deixe.
Enfrente seus tropeços, e depois não se queixe.

Com maior otimismo, em tudo que pretender.
Seu fardo sendo capaz, com certeza de erguer.

Jamais desanimar, enfrente com garra a luta.
Somente o forte vencerá, numa acirrada disputa.

Tudo pode disparar, nossa tristeza também.
O tempo é bom conselheiro, não espera por ninguém.

Enquanto pode, corra atrás do quinhão.
Nada virá de graça, cair em sua mão.

Devendo comer somente, para o corpo aguentar
As pancadas sorrateiras, que a vida nos manda dar.

Não se faça de vítima, perdendo-se espere.
Antecipe a busca, para poder decolar.

No roçado

Quando eu me criei, foi no sertão lá na roça.
A casa era de estuque, uma pequena choça.
Com barro impregnado, estirado na madeira.
Nos protegendo de tudo, e de toda maneira.

Uma construção barata, na época muito usada.
A caboclada com classe, vivia desembaraçada.
Portas de pau a pique, presas por ferrolho.
Muito bem seguras, ainda tendo arrolho.

Fogão de barro da ribeira, montado em caixão.
Era muito bom viver lá, pertinho do ribeirão.
Pra gente se sentar, era banco de pau.
Sobre ele as crianças, pintavam o cambau.

Com panela de barro, e chaleira de ferro
Era tão boa a nossa vida, comunicávamos a berro.
Era desse jeito mesmo, que a família vivia.
Comida com fartura, para todo santo dia.

Colhia- se de tudo, o que queria comer.
Pra toda refeição, era alegre o nosso viver.
Água vinha da bica, descendo da serra.
Com abundância, escorrendo na terra.

Uma maneira prática, de se viver no sertão.
Uma caboclada astuta, pra tudo dava um jeitão.
Quantas e muitas vezes, passo o tempo a relembrar
Das nossas aventuras, eu imagino e passo a chorar.

Nossa constituição

O carro ronca perto, a poeira levanta-se.
O alvoroço começa, muita coisa apronta-se.

Muito bem em ordem, a mecânica deve estar
Para na aventura, veloz poder o manobrar.

Sendo impossível, frear na hora certa.
Ainda mais difícil, se alguém nos aperta.

Motorista embriagado, sai do estado normal.
Fica violento, achando-se o tal.

Não puxe pelo bolso, nem fira sua reputação.
Pense em si e nos outros, não ande na contramão.

A estrada está disponível, para o povo bem usar.
Todos com o mesmo direito, de por ela trafegar.

Nunca mais

Antes se brincava muito com peteca.
Passatempo gostoso, abandonando a boneca.

Em qualquer lugar, gente de várias idades.
Passavam horas a fio, incluindo mocidades.

Mesmo artesanal, com palha de milho.
Em toda casa tinha, pra brinquedo do filho.

Vindo da indústria, pra com luxo e graça.
Serem exibidas, brincando na praça.

Sumiram do mercado, não se encontram mais.
As saltitantes petecas, onde estarão as tais?

Nem negue

O filho diz amar a família, na mais tenra idade.
Com o passar dos anos, veremos a veracidade.

Ainda quando adolescente, pensa em sair de casa.
Com nariz empinado, achando que criou asa.

Quando fica adulto, é uma coisa natural.
Quer sua independência, dá nervoso passando mal.

Pode dar mancada, lá fora não deu certo.
Quer tudo como antes, com os seus por perto.

Bate pé por todo lado, tenta mais algum lugar.
Pode não conseguir, o jeito então é retornar.

Nosso destino

Saí de casa na certeza, de emprego arrumar.
Percorri todo o comércio, sempre a me explicar.
Tinha plena certeza, de uma colocação encontrar.

Sempre a mesma resposta, de não mais querer ouvir:
- Nosso quadro está completo! Mais não se pode admitir!
- Ainda temos muitos, que terão de competir.

Mais uma casa na frente, e outra mais adiante.
Eu já sabia a resposta, por escutar bastante.
Sem querer desistir, um tanto ofegante.

Com o estômago vazio, nada mais tinha dentro.
Já perto do meio dia, continuava no centro
Daquela grande cidade, se preciso mais eu enfrento.

Num ponto de táxi, um senhor sorridente.
Achando-me sincero, tratou-me como gente.
Senti-me animado, um tanto diferente.

Me falou, muito cortês: - Chegue pra perto de mim!
- Eu procuro alguém, que esteja a fim.
- Para trabalhar comigo. Já estou velho assim!

O mundo é uma bola

O mundo é uma bola, pelos ancestrais falado.
Custavam a entender, como viver num abaulado.

Cientistas admiráveis, dando-nos lição de saber.
Levaram estudos avante, com mérito e poder.

Destrinchando comprovaram dúvidas, sobre nosso planeta.
Para terem certeza, gastaram muita caneta.

A força da gravidade, atrai corpos suspensos.
Trazendo-os pra terra, fatos que nos deixam tensos.

O teatro da vida

A vida é um teatro, um teatro a estrear
Espetáculo rotineiro, até quando terminar.

Todas as apresentações, são bem diversificadas.
Chora, canta e sorri, dando até algumas mancadas.

Sobe e desce sem parar, com espaços a percorrer.
Nos tropeços incertos, sem o equilíbrio perder.

Quando estamos mal, reviravolta pode dar.
Nem tudo estará perdido, nova fase pode começar.

Ao estar decolando, ficar em estado de alerta.
Poderá haver surpresa, pra tudo a vida está aberta.

Havendo tropeço, jamais desanimar.
Nas voltas incertas, há voltas a desemaranhar.

Ninguém tem capacidade, de ser o dono do mundo.
Enquanto há vida, aproveite cada segundo.

Por acaso

Uns porcos em um sítio, sem ser presos no chiqueiro.
Livres à vontade, soltos pelo terreiro.

Um macaco dividia, com eles o mesmo espaço.
Corria por todo lado, sendo livre e sem embaraço.

Então ele se atreveu, a montar em um porco.
Este saiu em disparada, retorcendo o seu corpo.

Com o macaco nas costas, ele não teve mais sossego.
Saltava pra todo lado, sem nenhum apego.

Passou debaixo da cancela, o macaco bateu a testa.
Sendo uma pancada só, e acabando com a festa.

Pra relaxar

O padre tinha um gato, que sempre o acompanhava
Pra confessar moribundo, este padre se mandava.

O ginete que dirigia, a rústica condução
Entre ele e o padre, começou a falação.

De vez em quando, o gato se metia.
O padre sendo ventríloquo, o ginete não sabia.

Constato esta verdade, este gato fala também.
Preciso desmenti-lo: Credo em Cruz Jesus, Amém!

O padre acrescentou: - Eu tenho este poder!
- Faço animal falar, só mesmo vendo pra crer.

Diz o ginete na fazenda tem, lindas cabras viçosas.
Não acredite nelas padre, pois são umas mentirosas.

Para pensar

Canta o galo no poleiro, anunciando a madrugada.
A galinha quando bota, sai do ninho assustada.
O macho quando frangote, da fêmea é separada.

O cachorro esperto, o seu dono acompanha.
Sendo um guarda fiel, por pouco se assanha.
Como alimento recebe, uma pequena barganha.

O peru rodopiando, com a crista eriçada.
Se solto no terreiro, assusta a criançada.
Estando de mau humor, mantém asa desabada.

Sempre de mansinho, o gato fica amoitado.
Espreitando o rato, que esteja descuidado.
Não consegue descer, subindo em alto telhado.

Sempre muito alegre, está a marrecada.
A angolista faz ninho, dentro da mata fechada.
O pato sempre vivendo, com a voz engasgada.

Cavalo na cocheira, sempre sendo bem tratado.
Quando recebe o arreo, sai num passo trotado.
Transporta o ginete, para qualquer lado.

O coelho vive preso, sempre muito calado.
De olho na companheira, pra pedi-la em noivado.
Rápido a família cresce, num amontoado.

A bicharada está, distribuída na mata.
Cada qual do seu modo, levando vida pacata.
Só sai do seu habitat, quando alguém a arreбата.

Problema em penca

Em briga de marido e mulher
Jamais meto a colher.
Brigam, depois se acertam.
É ditado popular
Com jogo de azar
Os bolsos se apertam.

Ambos querem ter razão,
Nem se meta nisso não.
É melhor dar o fora
Pra não sobrar pra ninguém.
Nada irá ganhar também.
Dando-se bem quem vai embora.

Servir de bode expiatório
Pode acabar em cartório.
Todos irão se dar mal.
Depois passam a reclamar
Que não souberam contar,
Pegando frase de jornal.

Lave sempre suas mãos,
Sendo ótimo cidadão.
Tenha amigo na praça.
Não me meto em encrenca.
Tenho problemas em penca.
Nem faço nada de graça.

Pondo no mundo

Sendo uma história, com ideia apresentar
A invenção da escrita, pra bobeira não marcar.
Os números também, para as operações fazer
Ficando bem fácil, a gente comprar e vender.

Sendo um bem-dotado, que a energia deu lugar
Para com facilidade, todo aparelho ligar.
Um ser especial, fazendo uma caixa falar
Sendo interessante, que passamos a escutar.

O gênio da lâmpada, com base na sua sabedoria
Deixando a noite, como sendo dia.
Extraordinariamente, alguém pode inventar
Por um fio magnético, um jeito para nos comunicar.

Foi um jovem estudante, com saber a embasar
Que inventou o remédio, para da sífilis nos safar.
Outra muito interessante, quem teve noção de cruzar
Uma semente com a outra, pra vida inseminar.

A máquina de costura, sobe e desce a agulha
Unindo tecidos, da maior à menor fagulha.
O carro e também o avião, necessários nos nossos dias
Transportam para o mundo, pessoas e mercadorias.

Coisa extraordinária, sendo a televisão
Deixando impressionadas, nova e velha geração.
Esta foi por demais, quem soube acoplar
Mundialmente a internet, pra tempo e distância ganhar.

Pé quente

Minha vizinha contou-me, o que seu marido faz.
Essas travessuras... e depois volta atrás.
Ela sempre o aceita, deixá-lo não é capaz.

Briga e fala sozinha, mas, quando ele chega..
Basta só um olhar, que ele se aconchega.
Caindo na sua lábia, vivendo sem pega.

Lava, passa e cozinha, tudo sempre numa boa.
Intriga deixa pra lá, considera coisa à-toa.
Até cafezinho novo, na sua chegada ela cõa.

Fazem de conta que não passou, de um mal-entendido.
Tudo toma seu lugar, algo fica esquecido.
Continua tranquila, por amar o seu marido.

Quando sai, volta novamente; sente-se bem, na verdade.
Pois nada lhe falta, esta é a veracidade.
Atura por estar, com avançada idade.

Poderosa missão

Sendo necessário saber, em versos posso contar.
Dia vinte e seis de julho, aqui vou mencionar.
Dedicado a Santa Ana, precisamos comemorar.

Uma tradição afirma, que os pais de Maria
Avós do Senhor Jesus, comum em nossos dias
Com armadura religiosa, a Deus sempre servia.

Avó, serva de Deus, mãe de Nossa Senhora.
A ela este culto poderoso, com bênçãos toda hora.
Para cumprir tal missão, vamos rezar agora.

Única filha de Ana, seu pai era Joaquim.
Com fervorosas orações, imploramos a Deus assim.
Hoje também fazemos, por você e por mim.

Qual o teu destino?

Dei uma volta na rua, tentando encontrar
Alguma novidade, talvez pra comentar.
Não tendo o que fazer, quis minha cabeça refrescar.

Com bem pouco tempo, longe alguém apareceu.
Continuei ali mesmo, sendo o que ocorreu.
Estacionada eu estava, e uma coisa aconteceu.

Um minúsculo passarinho, batendo num fio da rede.
Caindo vagarosamente, esbarrou numa parede.
Tentando se aprumar, com uma plumagem verde.

Fui em sua direção, querendo ele pegar.
Mas muito esperto, sem se acomodar.
Batia-se constantemente, sem quieto ficar.

Investi algumas vezes, tentando socorrer.
Para ver o que acontecera, e curiosa pra saber
Por que deixou de voar, querendo mesmo ver.

Chegando uma criança, rápido avançou.
Pegando aquela ave, nas mãos a segurou.
Daí eu tive certeza, uma das asas quebrou.

Delicadamente fez, o que deveria ser feito.
Colocou-a com cuidado, segurando-o com jeito.
Em uma alta árvore, aprovei o seu respeito.

Então nos despedimos, da escola tocou o sino.
Eu voltei para casa, saiu correndo o menino.
O pássaro amoitado, não sei qual o seu destino.

Que título darei

Foi reportagem que vi, somente pela televisão
Uma cabeça tresloucada, fez tremer meu coração.
De um herege homem, amarrando um cabrito.
Pendurando-o pelas pernas, ressoava triste seu grito.

Puxando uma faca, começou a lhe tirar o couro.
O coitado ficou gemendo, como sendo agouro.
Gemendo desesperado, parecendo uma criança.
Desliguei o aparelho, sem ter esperança.

Que alguém o socorresse, fazendo o cara mudar de ideia.
Ele sentia-se poderoso, perante uma plateia.
Seria melhor que morresse, por uma bala de fuzil.
Isso aconteceu no sertão, do nosso imenso Brasil.

Quando pego a caneta

Quando pego a caneta, para escrever um verso,
Fico muito concentrado, e por nada me disperso.

Registro o que faço, recordo o passado.
Sou até maneiro, caço e não sou caçado.

Levanto-me cedinho, para poder trabalhar.
À noite estou de volta, no seio do meu lar.

Um caboclo consciente, sabe muito bem o que faz.
Não despreza sua família, junto dela se refaz.

Tenho sempre comigo, um amor verdadeiro
Que por nada descarto, nem a preço de dinheiro.

Os familiares da gente, são o tesouro que se tem.
Nunca se separando, nem se dividindo com ninguém.

Resgate

Registrei este caso, por achar interessante.
De uma embarcação, com marujos e comandante.

Navegando em alto mar, quando o naufrágio aconteceu.
Morrendo toda a tripulação, somente um sobreviveu.

Mesmo desesperado, teve que se superar.
Num deserto escuso, mãos à obra teve que botar.

Juntou destroços do barco, que perto dele boiava.
Pra sua sobrevivência, um por um os amontoava.

Uniu aquelas fagulhas, pequeno recinto montou
Num minúsculo espaço, do mal tempo se preservou.

Com uma lança de madeira, fígava peixe no mar.
Era daquele jeito, pra fome poder matar.

Comia frutos silvestres, retornando um dia.
Uma surpresa enorme, seu rancho em chama ardia.

Tomado de desespero, no chão duro adormeceu.
Quanto tempo se passou, nem sequer percebeu.

Com alguém perto de si, viu quando acordou.
Uma surpresa inesperada, então se questionou.

Todo mal convida ao bem, devemos acreditar.
Somos filhos do amor, em todo tempo e lugar.

Regimento militar

Por minha iniciativa, quis em versos explicar
Todos os postos acoplados, pelo regimento militar.

São estas as forças armadas, seguindo honrosa linha
Exército e aeronáutica, polícia e também a marinha.

O maior posto que há, esse é do marechal
Sempre é bom ter em mente, dentre todos é o principal.

General vem em seguida, quantos podem almejar?
Chegar lá fica difícil, comigo irão concordar.

Vem depois coronel, terceiro lugar afamado.
Antes pelos sertões, ostentando-se respeitado.

Em quatro ramificações, tenente se divide.
Primeiro, segundo e terceiro, e subtenente não duvide.

Procedendo a explicação, sendo fácil saber.
Major, porém, destaca-se, basta estudar e querer.

Ficando na história, sem dúvida o capitão
Destacado na carreira militar, chegando algum cidadão.

Comandante na aeronáutica, almirante na marinha.
Aspirante no exército, na memória sempre tinha.

Sargento também tem, a sua ramificação.
Primeiro, segundo, terceiro, dentro da corporação.

Cabo tem o penúltimo lugar, complementando a fila.
Quem galga este posto, sabedoria destila.

Marcha, soldado, marcha! Para a sua pátria defender!
Com obstinação e garra! Por ela poderás morrer!

Remanejando a história

No sertão onde vivi, foi lá que também nasci.
No roçado de meu pai, sempre do mesmo jeito.
Pulando cedo do leito, todo pessoal sai.

Depois do reforçado café, naquela casa de sapé.
Quase esfarrapada, no sítio não tem luxo.
Pela memória puxo, pra ficar registrada.

Pra vencer na cidade, seja em qualquer idade.
Não deve facilitar, invista contra o vento.
Para encontrar alento, despesas terão de pagar.

Ao chegar o fim do mês, para ser um bom freguês.
Coloque as contas em dia, não devendo esperar.
Que outra hora vai dar, procure evitar arrelia.

Pra zelar por seu nome, acerte o que come.
Levando por capricho, corra atrás do que quer.
Seja homem ou mulher, não jogue seu nome no lixo.

Sempre bom

Em cima do pau de arara, a mudança se ajeita,
Chegando ao seu destino, daí sendo desfeita.
Achamos por demais fácil, quem a faz porque aceita.

Muda de cá pra lá, de lá pra outro lugar,
Fazendo-se necessário, sendo de praxe aceitar.
Faz até querendo, o tempo pode educar.

Trocando o que conhece, por outro sem saber
O que irá encontrar, só tendo de querer.
Ajeita-se como dá, que é pra atrás não volver.

Quando inúmeras vezes, a fé escorre pelo ralo.
Podendo até piorar, neste novo embalo.
A cobiça por um sapato novo, pode arrebentar seu calo.

Talvez ficando onde está, fica bem melhor.
Com tais condições, conhece as manhas de cor.
Será recompensado, estando numa pior.

Não precisamos de muito, vivemos com tão pouco.
Não carregar às costas, a fama de louco.
Morrendo a árvore, apodrece o toco.

Ser jovem

Ser jovem não é somente, ser livre, a gente sabe.
Jamais será só isso, que a um jovem cabe.

É viver com dignidade, na lei de Deus e do homem.
Sendo tarefa sublime, dignificando o seu nome.

Antigamente ser jovem, era ser alguém brincalhão.
Tolerante nas suas ocupações, tornar-se bom cidadão.

Hoje se descobriu mais, estudar e ganhar dinheiro
Para poder se manter, e ser um bom companheiro.

Não basta se divertir, tem de cuidar da saúde também.
Estar em lugar seguro, ir muito mais além.

Ser capaz de trabalhar, e sempre reagir.
Vencer limitações, para na vida sorrir.

Sobrevivência

Criei-me no alto da serra, vivi num belo sertão.
Éramos três pessoas: eu, meu pai e um irmão.
Mas quem nos visitava, era meu tio de criação.

Sendo ele quem nos trazia, alguma novidade.
Dos vales e dos montes, das grandes cidades.
Algumas eram sinistras, duvidávamos da verdade.

Contavam proeza pra nós, de viagem de pescador.
Dos maremotos enfrentados, pelo humilde navegador.
Com barcaças muito frágeis, vencendo o furor.

Nos vales também, a vida é muito dura.
Para o povo sobreviver, precisa de alma pura.
Homem sem caráter, este ninguém atura.

O viver das pessoas, na cidade é diferente.
Tem que ter jogo de cintura, pra lidar com certa gente.
Um povo astucioso, perigoso e inteligente.

Tino aguçado

Um homem numa loja
Uma das maiores do mundo
Pedi um emprego
O chefe olhou-o fundo
Pensando consigo
Ser um tipo vagabundo.

Disse o chefe, com desprezo:
- Temos quem sabe vender.
Diz o tal: - No meu roçado
Sei muito bem fazer.
Com respeito declaro:
- O que digo, podes crer!

O chefe gostou da sua saída
Achando-o matuto
Com boa aparência
Parecia bem astuto
Falava claramente
Com aspecto bruto.

Com falta de vendedor, disse:

- A vaga é sua, moço.

Trate bem meus clientes

Tire-os do fundo do poço

Faça eles mexerem

Na grana e no bolso.

Mais tarde, o chefe falou:

- Quantos clientes atendeu?

- Ouça-me, chefe, um só.

O chefe nervoso respondeu:

- Era pra atender muito mais!

Você me surpreendeu.

Um freguês veio comprar anzol

Vendi de vários tamanhos

Também vara e isca

E a lancha dos seus sonhos

Um carro para transportá-la

Registrei com meus ganhos.

Tradicional festa

Com o canto da cigarra, e o tilintar do passarinho.
O Natal por aí afora, chega devagarzinho.

Estas festas tradicionais, chegam sempre todo ano.
Como vêm, vão-se embora, nisto não há engano.

São festas de luzes, um tempo estupefato.
Pra aquecer coração, dando-nos um trato.

Parte deixando saudade, como o romper da aurora.
Que em todo amanhecer, bem chega, vai embora.

Diz quem é experiente, sempre vamos esperar
Um novo ano melhor, em forma se estar.

Deus se faz presente, todo ano e todo dia.
No decorrer da nossa vida, pra quem nele confia.

Cada um tem sua força, sendo ou não com festa.
Devemos nos manter otimistas, sendo o que nos resta.

Minhas frases servirão, para você meditar.
Enquanto há esperança, procuremos nos ressaltar.

Trio diferenciado

O grilo saltitante, sempre bem apressado.
A saracura sai procurando, sustento no banhado.
Um amor escondido, vai viver assustado.

O grilo procura refúgio, nas folhas do matagal.
A saracura se não caça, com certeza passa mal.
Um amor desconfiado, encontra sempre rival.

O grilo sai de fininho, para poder escapar.
A saracura faz o que pode, outro pântano vai procurar.
O amor se esbalda, sem saber se controlar.

O grilo por mais que se esquive, outra espécie vai alimentar.
A saracura sendo capaz, sua família irá prosperar.
O amor sempre na vida, estrupício a encontrar.

Cada grilo com seu grupo, conseguirá se acoplar.
A saracura alça voo, e explora novo lugar.
O amor se não quiser ficar só, certo tranco terá de aguentar.

Tanto o primeiro como o segundo, e o terceiro porém.
São espécies diferentes, terão consequências também.
Uma mistura de valores, lutam pra não ficar refém.

Uma força estupenda

Vejo sempre a formiga, cortar folha de planta.
Desloca-se carregando, cai e depressa se levanta.
Uma força estupenda, que muito me encanta.

Sem parar o dia todo, muito bem seu trabalho faz.
Mostrando na vida, do que será capaz.
Transporta tudo sozinha, sem ajuda jamais.

Sempre unida a outras, trabalhando o dia inteiro.
Fabrica seu alimento, um processo pioneiro.
Supre suas necessidades, dentro e fora do formigueiro.

Um serviço árduo, sem jamais poder parar.
Nem sei se terá alguma, para seu grupo comandar
Ou se tem descanso, e lei pra amparar.

Destruindo seu carreiro, se acontecer então.
Faz outro novamente, desviando por outro chão.
Prossegue sua luta, impedir será em vão.

Mesmo com chuva, todo tempo continua.
Com maior dificuldade, caminhando pela rua.
Mas com muita fibra, acho que nunca recua.

Dando-nos bom exemplo, de muita persistência.
Leal à sua colônia, mostra com decência.
O homem leva vantagem, com força e experiência.

Além do grande porte, em humano existente.
Nunca nos acomodar, cada um ser persistente.
Quisera eu aproveitar, enquanto potente.

Velho pião

O pião veste a capa, pra dançar tem que tirar.
Com capa não dança, nem tem como dançar.

Pelo universo afora, promove-se torneio.
Frequentado por homens, mulher não se mete no meio.

Tem gente com habilidade, faz rodopiar na mão.
Com tamanha proeza, sendo um campeão.

Quando ainda criança, junto com meu irmão.
Passávamos muitas horas, brincando com nosso pião.

Nunca mais encontrei, nem mesmo no mercado.
Não mais à sua disposição, fazendo-se de rogado.

Vá mudando cidadão

Vá mudando, meu bem! Olhe que os tempos mudaram.
Os tempos agora são outros. Muitos se libertaram.
As mulheres deram a volta por cima. Para uma
melhor passaram.

Em vez de ficarem reféns. Esfregando-se no fogão.
Cozinhando sem parar. Passando pano no chão.
Deixaram estas tarefas. Cuide-se, seu folgado!

Sendo difícil agora. Ser servido como doutor.
Comida pronta na mesa. Roupa no toucador.
Deixou a escravidão. Ele não será mais seu Senhor.

Agora é muito diferente. Ele tem que se desdobrar.
Pegando sua roupa no cesto. Querendo, tem que lavar.
Queimando-se no ferro. Quando a roupa passar.

Terminou aquele tempo. Em que tudo pronto recebia.
Rejeitando a comida. Muitas vezes por dia.
Agradeça ao ter alguém. Ainda em sua companhia.

Cama e casa arrumada. Ao dispor do companheiro.
Sapatos limpos e engraxados. Em um canto do banheiro.
Tudo ao seu dispor. Um suplício verdadeiro.

Pra sair precisava de aval. Ele dava autorização.
E com hora marcada. Tendo as rédeas nas mãos.
Emperre suas ordens. Meu querido cidadão.

A mulher deu a volta por cima. Libertando-se, se quer saber.
Faz o que lhe é conveniente. Valendo seu querer.
Trate-a como dama. Senão quiser lhe perder.

Viver o sonho

No sonho alguém aparece, boa companhia lhe faz.
Um jovem atraente, parece um bom rapaz.
Com uma das mãos escondida, nela algo ele traz.

Caminhando devagar, inclinou-se gentilmente.
Estendendo uma das mãos, acariciou somente.
Assustada com o encontro, sorriu exatamente.

Na mão escondida, tinha um buquê de flor.
Com meiguice ofereceu-a, abraçando-lhe disse: Amor!
Era você quem eu esperava, com o mais ardente calor.

Olharam-se fixo, rápido a assegurou.
Com uma voz firme, tranquilo lhe beijou.
Com o príncipe do sonho, minha amiga se casou.

Vamos falar

Das aventuras de Adão, apossando-se do Paraíso.
Sem saber por certo, que viria o dia do Juízo.

Inconsequente se apoderou, do infinito lugar.
Esbaldando-se lá ficou, sem contas ter de prestar.

Passou só em colher, tudo que vira a sua frente.
Tendo o mundo como seu, sendo dele somente.

A bela Eva era só sua, e com ninguém tinha de dividir.
Nenhuma preocupação, nem em desgraça cair.

Com aquela vida boa, desfrutando com liberdade.
Com tudo ao seu dispor, sem nenhuma dificuldade.

Tempo bom aquele, com liberdade demais.
Eva liberal, vivendo naqueles anais.

De pernas estendidas, sem obedecer a ninguém.
Com todo folguedo, indo muito mais além.

Sem ao menos esperar, o filho Eva teve de parir.
O que ambos não sabiam: que por onde entrou, teria de sair.

Pra fazer foi prazeroso, com abraços e beijos.
Mas para sair foram precisos, sofridos manejos.

Depois mais uma boca, pra ter de sustentar.
Num tempo prolongado, sustento teria de providenciar.

O que tinha de graça, sumira sem explicação.
Teria de suar muito para obter seu pão.

Deus cumpriu à risca, tanto antes como agora.
Terá de ir à luta, ou passa necessidade e chora.

Xaxaxá

Para virar a página, poder contar vitória
Viver dignamente, tendo livre a memória
Acreditou em si, exaltando sua história.

Certos baques levados, derrubam a gente por terra.
Dificultando a subida, como peça que emperra
Ou um soldado relapso, que do patrão desguerra.

Foi necessário um alerta, pra jamais vacilar.
Devagar e sempre, pode apostar.
No seu sincronismo, para poder decolar.

Rancor e prepotência, a ninguém fortalece.
Tendo como certa a subida, quando embaixo desce.
Confie somente em si, seu cofre transborda e cresce.

Avança com certeza, com toda força e poder.
No decorrer dos tempos, sem seu tino perder.
Quanto maior for seu ânimo, é mais fácil vencer.

Rancor e petulância, a ninguém fortalece.
A subida será certa, quando embaixo desce.
Confie somente em si, que seu cofre também cresce.

Não há necessidade, de alçar em um só dia.
Com ideias amadurecidas, sem muita correria.
O sucesso virá quando, em si se confia.

Avance na certeza, com a força está o poder.
No decorrer dos tempos, sem seu tino perder.
Quanto mais astúcia, mais alto sobe ao se erguer.

Zanzando

Zanzando pela casa, comecei a imaginar.
Tantas maravilhas vividas, em meu lar.

Do entra e sai de pessoas, que vinham nos visitar
Algumas novidades, sempre tinham pra contar.

Do bom café da manhã, que ao redor da mesa
Ninguém dava palpite, uma rica beleza.

Ao meio dia então, o que vinha morria
Sem haver reclamação, aquela grande folia!

Nem sempre tinha-se, aquele lanche farto.
Hoje tenho demais, não sei com quem reparto.

À noite outro alvoroço, toda a família chegava.
Cada um por sua vez, nosso jantar cheirando.

Banheiro era um só, tudo muito legal.
Sempre estava ocupado, nada disso fazia mal.

Ao nos levantarmos, mamãe estava de pé.
A mesa cheia de caneca, para o famoso café.

Um se sentava o outro saía, cada qual por sua vez.
Não havia cerimônia, onde comia um, comiam três.

No frio nem sempre tinha, pra todos uma coberta.
Encostávamos um no outro, aquecendo-nos na certa.

Calçávamos sapato um do outro, ficava largo no pé.
Colocávamos enchimento, desfilávamos com graça e fé.

Zelar

Tu és um enviado, descido do alto céu
Para ajudar na terra, quem foi jogado ao léu.
Conquistastes um trono, com dignidade e troféu.

Sendo iluminado, escolhido por Deus
Para encaminhar no mundo, muitos dos filhos seus
Peço Jesus pra botar, mais vida nos anos seus.

Para sua família, eu imploro proteção.
Paz em primeiro lugar, desejo de coração.
Pelo teu desprendimento, receba, do céu, bênção.

Com imenso carinho, com certeza não me engano.
Que os sinos de Natal, repiquem durante o ano.
Dando-te boas festas, com muito calor humano.

Cordel – verdade verdadeira

José de Souza Filho, é nome de um coitado.
Também Érico da Silva, outro nome lembrado.
Nascidos em Tijuca, neste rincão amado.

Ambos eram empregados, nunca se descuidaram.
Érico muito quieto, os amigos falaram.
Com José, o conhecido Santo, antes se comunicaram.

O destino lhes ceifou, a vida dos dois coitados.
Vivendo humildemente, sendo muito animados.
Na Cerâmica Ternes, ambos eram empregados.

Levavam vida normal, tiveram mortes fatais.
Érico na cerâmica, fazia seus trabalhos manuais.
Muito de bem com a vida, mas somos seres mortais.

Cada qual do seu jeito, um e outro, empregado leal.
Morando na mesma rua, tendo vida desigual.
Eram ótimas pessoas, até chegar o dia final.

Érico vivia com um irmão, na velha casa dos pais.
Santo bom motorista, com requisitos legais.
Indo e vindo pelas estradas, conservando seus ideais.

Iam levando a vida, conforme pensavam.
Durante toda a semana, na cerâmica trabalhavam.
De bem com a sorte, seus talentos maleavam.

Certo dia ao saírem de casa, a má sorte os acompanhou.
Érico estava de folga, com Santo conversou:
- Vou viajar contigo, à noite, de volta estou.

Com destino a Joinville, o caminhão carregara.
Pronto pra partir, os dois embarcara
Saindo sorridentes, a viagem começara.

O motor deu a partida, em seguida, acelerou.
Saíram sorridentes, nenhum dos dois sobrou
Pra relatar a tragédia, e como se realizou.

Ao passar pelo local, onde o acidente aconteceu
Um irmão de Santo, saltou gritando e correu.
-Um deles é meu amigo! E o outro é irmão meu!

Gritando em alta voz: -Talvez não tenham morrido!
Em seguida desmaiou, daí perdendo o sentido.
Os transeuntes o acudiram, logo foi socorrido.

Já haviam falecido, a tragédia foi total.
Ficaram irreconhecíveis, choque traiçoeiro fatal.
Assim perderam a vida, impossível evitar este mal.

Com a trágica notícia, o bairro entristeceu.
A gente se perguntava, como isso aconteceu.
Com saúde total, tanto um como outro faleceu.

Céus que fato horrível, a vida se perdia.
A notícia abalou a cidade, horas tensas o povo vivia.
Parecendo sonhar, a gente se comovia.

Essas duas pessoas, no nosso meio moraram.
Deixando-nos falta, muita gente chorou.
Um fato verdadeiro, acredite em quem contou.

A mãe do Santo estava, muito doente, coitada.
Com o trágico notório, ficou desolada.
Disse não acreditar, seu coração dava pancada.

Preciso ver pra acreditar, pareço sonhar, dizia.
- Meu coração me sacode, aceitar bem que devia.
Cair na real é preciso, mas engano não seria.

Se meu filho já se foi, como anjo levemente.
Encontrar-se com Deus, é nosso fim somente.
Com anjos e santos, abraçar-se ternamente.

Érico muito jovem, calmo por natureza.
Seus pais falecidos há tempos, tenho certeza.
Se unir vão para sempre, no céu que é beleza.

As urnas estavam lacradas, todos compreenderam.
Isso mostra, meus leitores, como os fatos se sucederam.
Ao redor dos mausoléus, as pessoas emudeceram.

Parentes, vizinhos e amigos, sabendo do acontecido.
O impacto foi brutal, ficaram estarecidos.
Com a triste verdade, e como tinham falecido.

Devido ao acúmulo de gente, o assoalho da casa quebrou.
A cerâmica neste dia, sua porta fechou.
Cuidando do transe fúnebre, o Padre Pedro seu culto rezou.

Comovendo os presentes, quando no sermão falava.
Os paroquianos emocionados, aquela mensagem guardava.
Como força indestrutível, dentro do peito cravava.

Meus amigos vos deixo, esta mensagem pra pensar.
Com o que aconteceu, o destino não se pode mudar.
Ter cautela é preciso, nossa alma preparar.

Porém, não sabemos, quando nos desprenderá.
Nosso corpo é matéria, frágil se desmontará.
O espírito quando puro, conta melhor prestará.

Quando a vida de novo, ao normal voltará?
Pior será para as famílias, seus saudosos a lembrar.
Ainda consternados, é necessário se conformar.

Ao Altíssimo sabemos, que não podemos enganar.
O corpo desce a campa, o carma passa a flutuar.
Ao encontro com o além, sem mais a terra voltar.

O melhor e mais correto, é a Deus sempre implorar.
Para no infinito céu, as duas almas guardar.
A oração é um conforto, para o corpo assegurar.

Naquele abril de 1988, este fato aconteceu.
Santo nascido em 1941, com quarenta e sete anos morreu.
Érico nasceu em 1948, quarenta anos viveu.

Não é fácil fazer conta, vamos nos alertar.
Deste restrito tempo, nossa alma preparar.
Para no Juízo Final, bom sossego encontrar.

Todos vamos nos unir, pois nossa vida é passageira.
A luta do dia a dia, torna-se mensageira.
Pra no final da vida, a alma gozar fagueira.

Tem quem se esquece de seu final preparar.
Entregando-se à ambição, nem se lembra de rezar.
Rezando purifica-se, sua vida vai melhorar.

Guarde esta mensagem, e a lembrança dos amigos.
Que viveram conosco, não em tempos antigos.
Há muitas surpresas, não crie inimigos.

Uma viagem obrigatória, que fazer teremos.
O dia pode estar próximo, nós não saberemos.
Fazemos de conta, que jamais morreremos.

Vida, luta passageira, morte, triste mistério.
Queiram ou não o bom e o mau, o humorista e o sério.
Vivendo prepararemos, morada no cemitério.

Remando no mar da vida, galgando estrada do saber.
Da morte nos aproximamos, coisa que ninguém vai querer.
Uma viagem obrigatória, por dinheiro nunca vamos fazer.

Pra semente não ficamos, num bate papo daqui.
Mesmo estrebuchando, neste pega-pega dali.
Não adianta chorar, então o melhor é sorrir.

Eles não foram os primeiros, nem os últimos serão.
Vítimas deste trânsito, desta grande imensidão.
De estradas violentas, pelas quais trafega nosso povão.

O futuro a Deus pertence, temos de nos conformar.
Jamais acomodarmo-nos, é necessário enfrentar.
Com ou sem passaporte, para no céu ir morar.

Tomei pé do assunto, não falhando linha.
Um tanto emocionada, tudo em mente eu tinha.
Conhecendo as vítimas, eu era sua vizinha.

Para as duas famílias, sinceras condolências.
Pra redigir este tema, não foi preciso ciência.
Integrei-me do fato, e com minha experiência.

Para todas as pessoas que sofrendo estão.
Rezem em seu louvor, esperando de Cristo a bênção.
Na terra nos uniremos, pra se viver como irmãos.

Senhores, peço desculpas. Se o conteúdo não agradou.
Pra quem viu o transe, da tragédia se integrou.
Vai concordar, eu sei, foi como se comentou.

Mas sensibilizo-me, a estes versos escrever.
Todos simples e corretos, isto mostram pra quem ler.
Às vítimas lembrando, do nosso meio desaparecer.

Emocionado o povão, seu comentário fazia.
Dou graças ao Poderoso, infinitas graças sentiam.
Aqui escrevo meu nome, sou Matilde Santos Dias.

A Covid-19

Aceite bem meu povo, agradecendo louvar.
As ordens das autoridades, entendendo as acatar.
Para desta pandemia, abstendo-se para a vida continuar.

Aceitando com bom senso, para não se manear.
Neste vírus valente, o mundo atravancar.
Tendo esperança, que o vamos descartar.

Cientistas astuciosos, com certeza vão achar.
Uma vacina vigorosa, para poder nos safar.
Desta pandemia, a nos atormentar.

O melhor e mais correto, com calma aceitar.
Dificuldades encontradas, para poder se superar.
Colaborando com todos, e com tudo ao se preservar.

Ao soberano da nação, suas ordens acatar.
Sendo conveniente, em casa ficar.
Livrando-se deste vírus, vivendo aproveitar.

Sobre a autora



Matilde dos Santos Dias nasceu aos 31 de dezembro de 1932 na cidade de Tijucas, no Estado de Santa Catarina. Seus pais, Marcolino João dos Santos e Maria Furtado dos Santos, desde cedo lhe incentivaram a ler e a estudar e sempre lhe diziam: “É através do saber que se tem um bom viver”. Foi professora por trinta anos, e depois de aposentada começou a escrever poesias. Suas poesias retratam o Rio Tijucas, o agricultor, os personagens e as lendas do folclore nacional e o romantismo, descrevendo ainda os grandes eventos históricos do país, como a fundação de Brasília e a construção do Cristo Redentor. Com mais de 1.000 poesias registradas e catalogadas, faz parte da Oficial Academia de Letras de Tijucas (SC) desde 05 de novembro de 2017.



Gratidão!

A Editora Pimenta Cultural agradece o empenho e a dedicação de uma corrente do bem que se formou para a viabilização do sonho da D. Matilde na publicação desta obra:

Clóvis Dias de Souza

Dóris Roncarelli

Gisely Hime

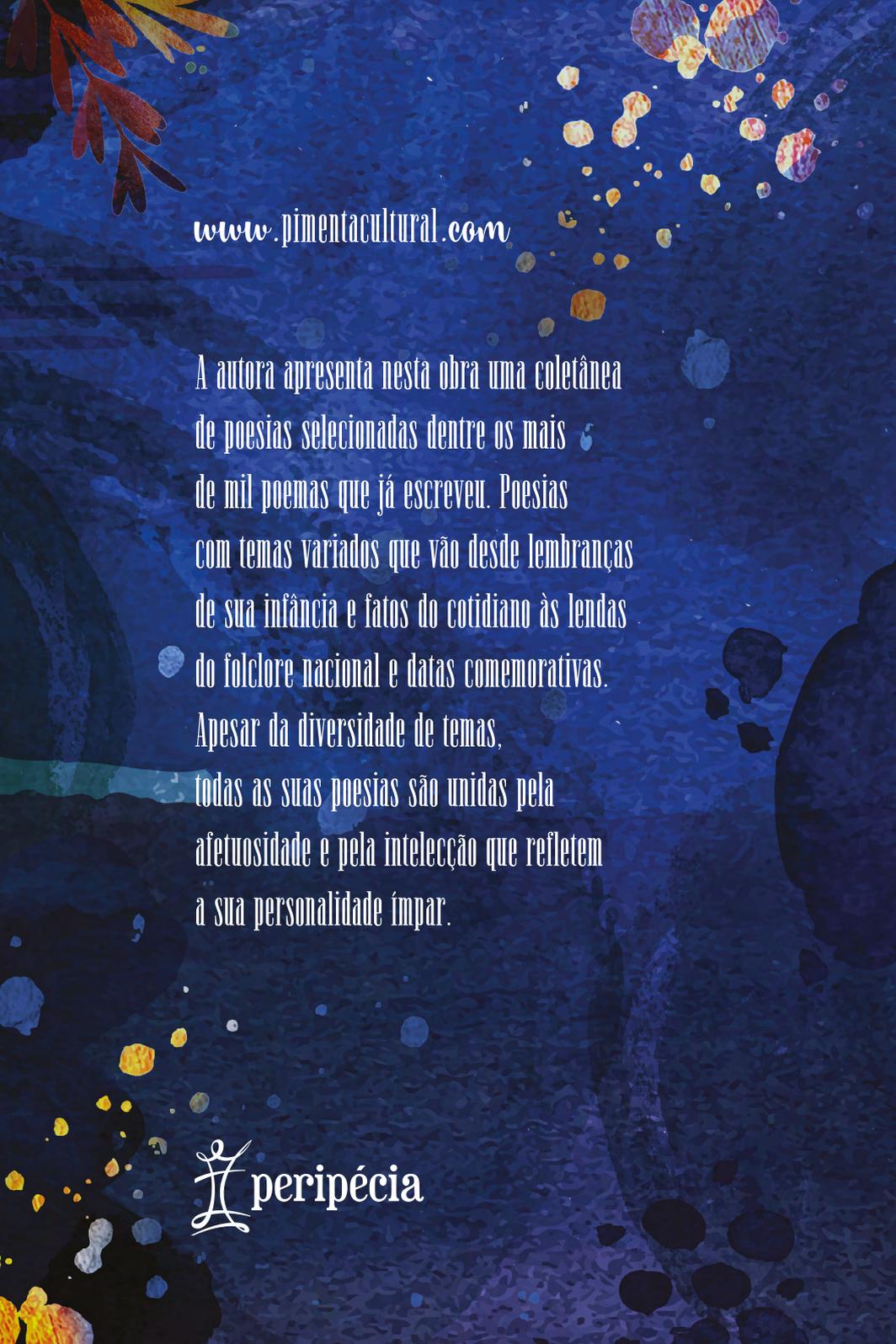
Marta Anzini

Patricia Bieging

Patrícia Kriginski

Muito obrigado(a)!

Desejamos que mais sonhos possam ser realizados!

The background is a dark blue, textured night sky filled with numerous small, colorful stars in shades of yellow, orange, and purple. In the top left corner, there are stylized, brown and orange leaves. The overall aesthetic is dreamy and artistic.

www.pimentacultural.com

A autora apresenta nesta obra uma coletânea de poesias selecionadas dentre os mais de mil poemas que já escreveu. Poesias com temas variados que vão desde lembranças de sua infância e fatos do cotidiano às lendas do folclore nacional e datas comemorativas. Apesar da diversidade de temas, todas as suas poesias são unidas pela afetuosidade e pela inteligência que refletem a sua personalidade ímpar.

peripécia